

# À Juventude Brasileira Não Morrerá por Truman

+ O POVO REPELE INDIGNADAMENTE O ENVIO DE NOSSOS SOLDADOS PARA FAZER A GUERRA COLONIALISTA CONTRA A COREIA.

+ «NAO VOU NEM AMARRADO» — DIZEM OS JOVENS CARIOCAS. «DEFENDEREMOS A VIDA DE NOSSOS FILHOS» — BRADAM AS MÃES BRASILEIRAS. «TIREM AS PATAS DA COREIA» — EXIGEM OS TRABALHADORES.

+ NEM UMA GOTTA DE NOSSO SANGUE. NEM UM QUILO DE NOSSOS MINERIOS.



SOLDADO MORTO — Desenho de Clovis Graciano

## COMENTARIO NACIONAL

### O Povo Deve Tomar Em Suas Mãos Os Destinos da Pátria

TRIPUDIANDO sobre o sangue de nossos mártires da luta contra o fascismo, sobre a memória gloriosa dos mortos de Pistoia e as heroicas tradições da FEB insultando, enfim, a consciência na dádiva que guarda intacto seu odio sagrado às feras de Hitler, os partidos das classes dominantes fazem ressurgir na vida política do país, oferecendo-lhe postos eletivos e cargos no Poder, o bando de espíões e celerados nazistas de Plínio Salgado.

Em troca dos votos dos integralistas, o Brigadeiro e os chefes udenistas tentam a defesa desse bando terrorista de criminosos de guerra e comprometem-se na eleição de vários candidatos seus aos diversos órgãos legislativos. Do mesmo modo, o candidato da Light e do PSD, o banqueiro Cristiano Machado, corre atrás de uma aliança com os antigos sicários de Hitler, oferecendo-lhes pastas ministeriais, enquanto Getúlio, que se aliou ao traidor Plínio Salgado para desfechar o golpe de 10 de Novembro de 1937, indica e apoia o nome deste inimigo público para candidato a senador pelo Rio Grande do Sul. Assim, os candidatos e os partidos da burguesia e do latifúndio, não apenas correm atrás dos votos dos integralistas, mas insultam diretamente todo o nosso povo prestigiando e indicando aos sufrágios do eleitorado os assassinos responsáveis pelo torpedeamento de nossos navios.

Esta tentativa de fazer ressurgir e avançar o integralismo como força política é mais um atestado da degradação das classes dominantes do país e de que elas, qualquer que seja o caminho que sigam neste momento, quer realizem eleições, quer cheguem ao golpe de Estado, marcham para a implantação de uma ditadura fascista a serviço do imperialismo ianque e da guerra.

Na verdade, não é unicamente o cálculo eleitoral, o desejo de conquistar as redes do governo por quaisquer meios, que impele esses politiquês a uma aliança cada vez mais estreita com o bando de sicários integralistas. O que determina esses conchavos é a identidade de propósitos, a identidade de pontos de vista que os une, como não vacilou em declarar o Brigadeiro, na convenção do PRP.

Atualmente nada separa os antigos serviços de Hitler dos serviços de Truman, que são todos esses políticos das classes dominantes. Todos estão contra a paz e a democracia, contra o povo coreano, a favor da agressão imperialista e da guerra atômica que os gangsters de Wall Street procuram desencadear. Todos estão contra a independência nacional, a fa-

(CONCLUI NA 2.ª PAG.)

O DESENVOLVAR dos acontecimentos vem mostrando que a monstruosa agressão ianque contra o povo coreano atinge diretamente a vida e a liberdade de nosso povo.

Totalmente submissa à comarilha de Truman, a ditadura de Dutra já envolveu efetivamente nosso país nesta agressão imperialista, comprometendo-se oficialmente em ajudar os agressores. E de que ajuda se cogita? Da ajuda tantas vezes proclamada e exigida pelos generais do dólar, da entrega de nossos recursos econômicos, de nosso território e do sangue de nossa juventude para a guerra de rapina de Wall Street.

#### 20 MIL BRASILEIROS PARA MORRER NA COREIA

Neste momento a ditadura já prepara clandestinamente o envio de 20 mil soldados brasileiros para morrer por Truman e Singman Ri na Coreia. No Rio, funcionários do Ministério da Guerra aparecem em casa de vários ex-combatentes da FEB convocando-os com urgência para inspeção de saúde e incorporação à ativa. Em S. Paulo, centenas e centenas de jovens já foram convocados e incorporados ao Exército, 4 meses antes do período de apresentação para o

## VOZ OPERÁRIA

serviço militar, ao mesmo tempo que o Ministério da Guerra manda prorrogar o tempo de incorporação dos conscritos que deveriam deixar este ano as fileiras do Exército e da Aeronáutica.

Esses preparativos militares se verificam no momento em que o nazista Mac Arthur afirma, em seu relatório a Truman, que necessita de soldados de outros países para continuar a guerra colonialista contra o povo coreano. São, evidentemente, destinados ao cumprimento dos ordens ianques que exigem de Dutra, segundo telegrama de Washington, "20.000 soldados brasileiros para a luta na Coreia".

#### ONDA DE TERROR E TRABALHO ESCRAVO

Ao mesmo tempo, a ditadura procura implantar

o fascismo no país para fazer a guerra dos imperialistas ianques contra os povos. Além das leis celebradas como a lei de segurança e de imprensa, que pede do Congresso, a ditadura pretende desencadear uma onda sangrenta de repressão contra o povo. "A polícia está de olho vivo nos envenenadores da opinião pública" — anuncia com todo o descaramento um dos jornais do gangster Chateaubriand, levantando o véu das violências que se tramam contra todos os patriotas e a imprensa democrática que se erguem contra a agressão imperialista ao povo coreano.

É ainda o mesmo jornal que informa a adoção de medidas para introduzir o trabalho escravo nas principais indústrias do país, dizendo que "um rigoroso serviço de vigilância policial de estradas de ferro, usinas de energia elétrica, indústria de guerra e ligadas a esta, repartições públicas", está sendo feita, a fim de prevenir qualquer manifestação dos trabalhadores. Assim, ao mesmo tempo que procura escravizar a classe operária para que trabalhe para a guerra imperialista, a ditadura procura garantir uma exploração maior e crescente dos trabalhadores pelos capitalistas nacionais e estrangeiros. Enquanto conspira contra a vida de nossa juventude, a ditadura ameaça as massas populares com o terror fascista, mais fome, miséria e exploração.

#### NENHUM BRASILEIRO MORRERÁ POR TRUMAN E SINGMAN RI

Mas, qualquer que seja o terror que empregue a ditadura para submeter o nosso povo, nenhum brasileiro empunhará armas para defender as ambições imperialistas da comarilha de

Truman. É isto o que afirmam dezenas de demonstrações populares, que se avolumam em todo o país.

Nenhum jovem brasileiro consentirá em lutar ao lado dos agressores do povo coreano. "Jamais lutaremos contra o povo coreano, jamais lutaremos numa guerra de agressão" — é o que declarou o III Congresso Nacional de Estudantes Secundários, "some de 300 mil ginásianos. "Só iria para a Coreia se fosse para lutar pelo povo coreano" — declarou ex-combatentes, fiéis à tradição gloriosa da FEB que, na luta contra o nazi-fascismo, combateu de armas na mão pela independência dos povos. "Não vou nem amarrado" — dizem centenas e centenas de jovens estudantes, operários, e comerciários entrevistados sobre o envio de tropas para a Coreia.

Os trabalhadores protestam contra a agressão imperialista. A CTB e as Unões Sindicais dos Estados chamam todos os trabalhadores a manifestar concretamente sua solidariedade ao povo coreano. Operários da zona leopoldinense, no Distrito Federal, saíram em passeata pela Avenida 24 de Outubro, protestando nas faixas e cartazes que conduziam contra o apelo d. Dutra à agressão de Truman a Coreia. Na Bahia, mais de 1000 operários da Fábrica Boa Viagem concentraram-se na porta da empresa num vibrante comício exigindo a retirada das tropas estrangeiras da Coreia. Quase diariamente, em São Paulo, realizam-se idênticas manifestações nas portas das fábricas.

As mulheres também se mobilizam em defesa da vida de seus entes queridos, em defesa de seus lares ameaçados de luto e da miséria. Dezenas de senhoras paulistas saem à rua, enfrentam o terror e as balas da polícia de Ademar, para demonstrar que não deixarão seus filhos, noivos e filhos ser levados para a guerra imperialista. No Distrito Federal, comissões de mulheres visitam as re-

(CONCLUI NA 2.ª PAG.)

### Prestes sauda o Congresso do P. S. U. Alemão

A Wilhelm Pieck, presidente do Partido Socialista Unificado da Alemanha, Prestes enviou a seguinte mensagem:

"Enviamos fraternal saudação ao Congresso do Partido Socialista-Comunista, vanguarda da classe operária e do povo alemão em luta pela sua unidade, pela paz e pela independência. No momento em que o imperialismo ianque agride o heróico povo coreano, esse Congresso assume grande significação. A classe operária e o povo brasileiro saudam o Congresso do Partido Socialista-Comunista Unificado, como marco histórico na luta do povo alemão em defesa da paz na Europa, imonado com a invencível União Soviética". — (ss.) Lutz Carlos Prestes.







# A MELHOR RESPOSTA AOS AGRESSORES

TRIBUNA De Discussão

UM COMANDO ENTRA OPERARIOS

## ALEMANHA

Falando no Congresso do PC alemão, Palmiro Togliatti, líder comunista italiano, declarou que o proletariado italiano se oporia a qualquer tentativa dos imperialistas americanos de levar a Itália à guerra. Togliatti declarou que o Partido Comunista italiano conta hoje com 2.100.000 membros, além de 450.000 membros da Juventude Comunista, contando com o apoio de 700.000 socialistas.

## BELGICA

O Partido Comunista da Bélgica exigiu a abdicação do traidor rei Leopoldo, que acaba de reassumir o trono.

## INGLATERRA

Encerrou-se com um grande comício o Congresso de Paz realizado em Londres, o qual teve a assistência de representantes de organizações de paz da Grã Bretanha e do exterior. Como convidado de honra, esteve presente o famoso escritor soviético Ilya Ehrenburg.

## URSS

A 23 do corrente realizaram-se festejos comemorativos do Dia da Marinha Soviética. A imprensa destaca que a poderosa marinha de guerra da URSS é uma força de manutenção da paz, enquanto a marinha dos Estados Unidos neste momento ataca cidades da Coreia, numa ação de guerra e agressão.

## INDIA

Por iniciativa do Congresso de Sindicatos Pan-Indianos, do Comité dos Partidários da Paz e da Federação dos Estudantes Indianos, realizou-se em Bombaim uma demonstração pública com mais de 10.000 pessoas, que celebraram a seguinte declaração: "O povo indiano não se deixará arrastar a uma terceira guerra mundial, conforme quer Truman". O documento exige a retirada das tropas americanas da Coreia.

## COREIA

Restabelece-se a normalidade nas regiões libertadas. Em Seul, os jornais voltaram a circular, os teatros estão funcionando e o povo, em massa, participa dos trabalhos de restabelecimento da situação. O povo também contribui entusiasticamente para ajudar a derrota completa da esquadra de Singman Ri e dos invasores norte-americanos.

## CHINA

Mais de 48 milhões de chineses já assinaram o apelo de Estocolmo exigindo a proibição da arma atômica e considerando essencial a guerra e a sober-

O GOVERNO DE GUERRA de Truman recusou sem qualquer justificativa a proposta de solução pacífica do problema da Coreia, aceita pela União Soviética com a resposta de Stalin ao primeiro ministro da Índia. Assim, perante o mundo, os círculos dirigentes dos Estados Unidos arrostam a responsabilidade pelo agravamento da situação internacional com o desencadeamento da agressão armada à Coreia, a ocupação da ilha chinesa de Formosa e das Filipinas e a intensificação da guerra colonial na Indochina.

Mas os imperialistas lanques não dão qualquer demonstração de que pretendem parar. Ao contrário, tudo indica que as medidas agressivas apenas se iniciam com as ações de guerra na Ásia sudeste, numa espécie de ensaio da guerra mundial que os colonizadores de Wall Street e do Departamento de Estados já mais deixaram de preparar dia a dia.

Al estão novas provas de que a política de guerra e agressão dos Estados Unidos se manterá invariável e mesmo se tornará mais extensiva e brutal. Os próprios meios da burguesia americana reconhecem que as cifras exigidas por Truman ao Congresso para fabricar mais armamentos, — mais tanks, mais aviões militares, mais bombas atômicas e de hidrogênio — ultrapassam todos os limites de uma simples "ação de polícia" que Truman diz estar empreendendo na Coreia. E o povo norte-americano já aumentará a carga que lhe impõem os preparativos guerreiros e expansionistas de Truman. Inicialmente, mais 5 bilhões de dólares — 100 bilhões de cruzelros, ou seja, a renda nacional de Brasil durante 5 anos — serão pagos pelos contribuintes norte-americanos imediatamente para custear os preparativos de guerra e agressão.

Mas a prática já demonstrou que os povos não cruzam os braços diante dos arremessos dos agressores imperialistas.

Ao lado da solidariedade ativa dos trabalhadores e das organizações de massas ao heroico povo coreano que

luta pela sua libertação, em cada país está sendo levada à vitória a grandiosa campanha de assinaturas do Apelo de Estocolmo. Sobre tudo depois da infame agressão norte-americana à Coreia, milhões e milhões de novos aderentes conquistou a campanha pela proibição das armas atômicas, no mundo inteiro. Na poderosa e invencível URSS, ultrapassou os 100 milhões o número dos que assinaram o Apelo de Estocolmo. Cinquenta milhões de cidadãos chineses, 10 milhões de franceses, 17 milhões de poloneses, 10 milhões de tchecoslovacos, outros tantos milhões de italianos, com as suas assinaturas exigem a proibição absoluta da arma atômica e consideram criminoso de guerra o governo que primeiro a utilizar contra qualquer povo.

A agressão armada dos Estados Unidos à Coreia fez ver mais clara e objetivamente o aumento do perigo de guerra mundial e, portanto, o perigo iminente do emprego da arma atômica contra populações pacíficas, como aconteceu no Japão, em 1945.

O movimento mundial dos partidários da Paz se transformou numa autêntica força das grandes massas populares. Não é por acaso que governos fantoches de Wall Street, mesmo aqueles mais servís, não se atreveram ainda a ajudar aos agressores norte-americanos com tropas mercenárias. E que amplas massas de pessoas estão vigilantes na defesa da paz e conseguiram despertar milhões de homens, mulheres e jovens, que hoje se movem terminantemente ao envio de seus irmãos, seus filhos, seus esposos para a matança dos tristes, onde quer que seja. Os povos compreendem que admitir ou silenciar diante da agressão à Coreia é abrir as portas de seu próprio país aos agressores.

Por isso, a campanha de assinaturas do Apelo de Estocolmo — principal fator de reforçamento da grande frente mundial dos partidários da paz — é um dever de honra e o caminho mais curto para desarmar os saltadores imperialistas e impedir a derrota completa e definitiva. É a melhor resposta dos povos aos traficantes de guerra.

## ★ A VOLTA DO REI NAZISTA

TREZENTOS mil operários iniciaram uma greve que se estende por todo o país, contra a volta ao trono belga, do rei Leopoldo III, criminoso de guerra que ajudou os nazistas durante a invasão, e entregou a Bélgica a Hitler na segunda guerra mundial.

Esse nazista, que ontem servia sob os ordens de Hitler, hoje desempenha o inaudito papel de agente de Truman, à frente do governo belga. O apoio do imperialismo lanque a Leopoldo III, é a seqüência lógica da política colonialista de Truman. O Departamento de Estado americano está apelando, desde o fim da guerra, os ditadores e fascistas de toda parte. Os antigos colaboradores são os homens preferidos pelos "novos boches" de Washington. Assim como o

Departamento de Estado sustenta no governo do Japão, o fascista Hiroito, e rei Paulo na Grécia, os ditadores fascistas na Espanha e em Portugal e governos títeres, nos diversos países da América, inclusive no Brasil, — da mesma forma, coloca à frente do governo da Bélgica, país de grande importância estratégica na Europa, um rei fantoche, odiado pelo povo, mas um cão no jogo infame das provocações de guerra dos imbecis de Wall Street.

O proletariado belga, lutando agora contra Leopoldo e seus patrões de Wall Street, como fizeram durante a ocupação nazista, dão mais uma prova de patriotismo e mostram que os planos de expansão e de guerra do imperialismo americano se chocam, em toda parte, com a vontade de paz e de independência dos povos.

## ★ AMEAÇA DE GOLPE LANQUE NA GUATEMALA

Os imperialistas americanos ameaçam abertamente derrubar o governo do presidente Arévalo, da Guatemala. O cabeça dessa conspiração, é o próprio Edward Miller, secretário de Estado adjunto dos Estados Unidos, um dos chefes da conferência de espíritos lanques, realizada no Rio, alvo da repulsa energética do povo brasileiro. Na política expansionista, o Departamento de Estado vem utilizando, como norma de ação, o recurso aos golpes de força contra os governos de outros países.

Referindo-se às intervenções armadas, em discurso de abril deste ano, disse Miller: "Elas desempenham o seu papel na derrota do estado de coisas atual". Esse "estado de coisas" é a situação de uma junta militar na Venezuela, onde foi

deposto o presidente Romulo Gallegos, e substituído por agentes da "Standard Oil". Por um golpe de força no Peru, abafado pelo general Odría, agente dos tristes americanos. E para uma situação semelhante que o Dep. de Estado lanque está tentando conduzir a Guatemala, cujo governo fez algumas atividades rapinantes de traste "United Fruit", dirigida pelo ex-embaixador Patterson, envolvido anteriormente numa conspiração contra o governo e, em consequência, expulso da Guatemala.

A fraseologia mentirosa de "respeito à soberania", de "solidariedade continental", utilizada pelo imperialismo lanque, se desfaça como bolha de sabão, diante da política de terror levada à prática, com o mais requintado cinismo, pelos gangsters de Truman, contra a independência dos países do continente.

# Peron transforma a Argentina Em Cúmplice dos Agressores

O COMITÉ Executivo do Partido Comunista da Argentina, em dois importantes documentos, acaba de denunciar como um novo crime de Perón, a aprovação do Tratado do Rio de Janeiro. "A aprovação desse Tratado transforma a Ar-

## VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável: WALDIR DUARTE

| ASSINATURAS                |            |
|----------------------------|------------|
| Anual                      | Cr\$ 30,00 |
| Semestral                  | Cr\$ 15,00 |
| M.º Avulso                 | Cr\$ 0,50  |
| M.º atrasado               | Cr\$ 1,00  |
| Av. Rio Branco, 257        |            |
| 17.º andar - 4/1711 e 1712 |            |

gentina em cúmplice colonial dos planos criminosos de expansão imperialista norte-americana", acentua o Comité Executivo.

E pressegue:

"Caem assim as supostas bandeiras anti-imperialistas do Governo e a chamada "terceira posição" que finalmente mostrou sua verdadeira face: posição de submissão colonial ao imperialismo norte-americano. E cal também a tantas vezes invocada defesa da soberania nacional. O Tratado Inter-americano de Assistência Recíproca (Pacto do Rio de Janeiro), tem como fundamento a renúncia de fato a toda noção de soberania nacional. No discurso de encerramento da Conferência de Petrópolis se disse, explicitamente que a votação por esse artigo

obriga a todos os membros, inclusive para o caso de aplicação de sanções, acrescentando-se por isso: o Tratado "abre uma brecha no Tratado de Relações Nacionais". O que o Parlamento acaba de votar é a renúncia à soberania nacional.

"A pretensão de agressões hipotéticas inexistente no Hemisfério Ocidental — prossegue o Comité Executivo do P. C. Argentino — e Tratado firmado pelo governo Peronista desmoraliza e legitima as agressões reais do imperialismo lanque aos países de todos os continentes, e especialmente sobre com uma cortina de fumaça o fato de que o imperialismo monopoliza crescentemente as riquezas da Argentina e de toda a América Latina, onde ocupa bases militares, navais e aéreas".

Constatando o povo argentino para a união e a luta contra

e política de entrega de estados Perón, o Partido Comunista da Argentina acentua:

"Pelos razões precedentes, e tendo em conta os supremos interesses da pátria, da soberania nacional, da paz e do bem estar do povo, o Comité Executivo do Partido Comunista proclama que a necessidade incondicional deste momento consiste em UNIR TODOS OS PATRIOTAS ARGENTINOS, POR CIMA DE SUAS PREFERÊNCIAS POLÍTICAS OU DE SUAS INCLINAÇÕES IDEOLÓGICAS. PARA LIVRAR A REPÚBLICA DO TRATADO DE ESCRAVIZADOR DO RIO, PARA ASSEGURAR UMA FRENTE NACIONAL E DEMOCRÁTICA, CAPAZ DE DAR AO PAÍS UM GOVERNO QUE REALIZE UMA POLÍTICA DE PAZ E DE LIBERDADES PÚBLICAS

Aldo Moraes

SEGUINDO o exemplo de milhões de pessoas no mundo inteiro, formamos um "comandô" de cinco jornalistas para recolher assinaturas ao Apelo de Estocolmo. Escalamos para campo de nossa atividade o parque proletário da Glória, à rua Marquês de São Vicente, onde se encontram em grupos numerosos de estudantes de medicina, mais de 500 pessoas.

Divididos os setores de campo a serem visitados, cada um de nós ficou sozinho para ganhar tempo, coltar maior número de assinaturas e todo o grupo coltar observações mais variadas.

A hora de visita, 600 mil naturais, nenhuma recusa. As primeiras pessoas, geralmente muito velhas ou muito crianças, ignoram o poder de destruição da trinitosa arma atômica.

A campanha social do país que realizou essas tarefas. Trata-se de trabalhadores, de suas famílias, pessoas pertencentes a uma classe social qual seja, sempre harmoniosamente, a maior soma de honores de uma guerra, e que por isso mesmo sabendo que a guerra atômica seria a derradeira etapa de criação e bem de todos as espécies, estão capazes de sentir e compreender a necessidade de impedir sua realização.

No conjunto de nossas observações, três conclusões se podem confirmar. Inclusive através das experiências de outros coletivos de assinaturas: 1.º — a maioria do povo está informada sobre o poder de destruição da bomba atômica; 2.º — a bomba atômica está condenada pela opinião pública; 3.º — depende apenas de uma atividade continuada e persistente a cobertura dos milhões de assinaturas com que o povo brasileiro contribuirá para a vitória do Apelo de Estocolmo.

É fácil compreender quando se vai de casa em casa, porque se consolida cada vez mais esse sentimento de repulsa popular às armas de extermínio indiscriminado. Cada pessoa com quem se fala sobre a utilização da bomba atômica, e que a admira, depois do natural impulso de humanidade que a comove a lembrança de ver e seu semelhante votalizado, e o sentimento de que vai ser vítima de uma tração, é a repulsa de que vão pôr em seu caso uma dose mortal de veneno de que vão cravar-lhe um punhal quando estiver dormindo.

Foi esse sentimento de repulsa a repugnância pelo emprego da tração atômica que encontramos no coração dos moradores do parque proletário da Glória e que está no coração de todo o povo brasileiro, solidário com a alta consciência de humanidade do Apelo de Estocolmo, que exige a proibição da arma atômica e a condenação criminal de guerra e de veneno que em primeiro lugar se fez uso desse monstruoso instrumento.







# ACAO em defesa da PAZ

## NOTICIAS DO PAIS

50.000 ASSINATURAS NA BAHIA

# A Campanha Conquista as Massas Na Capital e no Interior do Estado

**NOTA DA REDAÇÃO** — Esta reportagem nos foi enviada pelos partidários da Paz na Bahia. Chamando a atenção para as experiências que ela transmite, pedimos aos partidários da Paz nos demais Estados que nos mandem também suas experiências.

- 1 — A ASSOCIAÇÃO FEMININA CONTRIBUIU COM 11.000
- 2 — CARAVANAS A DIVERSOS MUNICIPIOS
- 3 — 4.500 ASSINATURAS DOS TRABALHADORES DE «O MOMENTO» E 3.500 NA «CIRCULAR»

50.000 assinaturas para o Apelo de Estocolmo já conseguidas em todo o Estado — foi o que relevou o balanço realizado a 18 do corrente, pelo Movimento Bahiano Contra a Bomba Atômica.

**COMANDOS DE CASA EM CASA**  
As experiências dos trabalhos realizados para a coleta de assinaturas demonstraram que o método mais positivo é o de comandos de casa em casa nos bairros.

As diversas organizações locais à Campanha dividiram os bairros de Salvador por vários grupos coletores, sendo que nesse trabalho tem se destacado a Associação Feminina, que já contribuiu com 11.000 assinaturas.

**CARAVANAS PARA OS MUNICIPIOS**  
Entusiasmado positivo tem se revelado também o envio de caravanas para os municípios do interior. Uma caravana de mulheres, enviada pela A.F.B., em um dia que passou na cidade de Cachoeira, embora sob uma chuva torrencial, conseguiu 558 assinaturas. Além disso, a caravana conseguiu as assinaturas de todos os passageiros do trem em que fizeram a viagem de regresso a Salvador.

Outra caravana, enviada pelo M.B.C.B.A. para Feira de Santana, em um domingo, conseguiu mais de 1.100 assinaturas, ali realizando comandos de casa em casa, no mercado de gado, tomando assinaturas dos moradores, de camponeses, de lojistas, etc. O argumento que se revelou mais convincente para convencer a 3 camponeses sobre a importância do Apelo de Estocolmo foi o da descrição dos efeitos destruidores que o bombardeio atômico tem sobre a terra, tirando-lhe toda a possibilidade de continuar a produzir. Outras caravanas já foram enviadas para Ilheus, St. Amaro, Itabuna, Alagoinha, Conquista e outros municípios, com resultados mais positivos.

**OS JOVENS CONTRA A BOMBA ATÔMICA**  
TAMBÉM a juventude está assinando em massa o Apelo de Estocolmo. A Comissão de Jovens do Movimento vem colocando diariamente mesinhas nos pontos de maior concentração popular, conseguindo centenas de assinaturas. Tanto nas mesetas como nos comandos de casa

em casa os participantes do movimento levam álbuns, feitos com recortes de jornais colados em uma pasta contendo declarações de autoridades, do Secretário de Estados, de sacerdotes várias religiões, como o Cônego Manoel Barbosa e a irmã Dulce de organizações, da Câmara Estadual e Câmaras Municipais de Salvador, Bonfim, Itabuna e S. Félix, de professores da Universidade, etc., que já se manifestaram em apoio à campanha contra a bomba atômica. Este álbuns têm tido grande utilidade para mostrar a coleta de assinaturas como uma campanha pela vida, sem qualquer conteúdo partidário ou religioso.

Um comando de jovens, realizado no Instituto Normal, em época de provas, conseguiu as assinaturas de todos os presentes, alguns professores, funcionários, e até mesmo dos fiscais de ensino num total de mais de 800. Durante uma prova na Escola Politécnica, um universitário explicou o que era a campanha, e colocou uma lista com o apelo junto à lista de chamada. Ao terminar a prova, todos os alunos, ao assinarem a lista de presença, assinaram também o apelo de Estocolmo. A iniciativa, a princípio, a compreensão da amplitude da campanha têm mostrado que ninguém se recusa a dar sua contribuição para conseguir afastar o perigo de um bombardeio atômico. Experiência das mais positivas foi o lançamento de um pergaminho, assinado por todas as organizações e diretores estudantis, condenando as armas atômicas. Essa declaração foi amplamente divulgada, tendo sido lida nas comemorações oficiais do 2 de julho pelo orador da V. E. B.

**OS TRABALHADORES ASSINAM O APELO**  
Sob a direção da Associação Geral dos Trabalhadores a classe operária participa ativamente da campanha. Os trabalhadores da Circular empreza imperialista de transportes urbanos já conseguiram mais de 3.500 assinaturas. Os portuários estão assinando em massa e unanimemente, juntamente com suas famílias, conseguindo quase 1.500. Nas oficinas da Companhia de Navegação Bahiana, uma comissão percorreu todas as seções de trabalho, explicando o que era o apelo e deixando listas; todos os trabalhadores sem exceção, assinaram. Comandos da AGT tem sido realizados em empresas menores, levando, ao invés de um álbum, um rolo de cartolina, com recortes de jornais colados, e que, quando se torna necessário, se transforma em cartaz volante. Uma caravana enviada pela A. G. T. a Santo Antonio de Jesus, conseguiu as assinaturas dos mineiros das minas de manganês daquele município, que letam

contra o trabalho escravo para a guerra e que assinaram juntamente com suas famílias.

**A CONTRIBUIÇÃO DOS TRABALHADORES DE «O MOMENTO»**

OS TRABALHADORES DE «O MOMENTO», jornalistas, funcionários e gráficos, já contribuíram com 4.500 assinaturas para a campanha. Em um comando realizado durante um domingo, foram conseguidas mais de 1.600 assinaturas. Um grupo de jornalistas, convidado para uma festa organizada por um bloco carnavalesco, vencedor do concurso de carnaval promovido pelo diário do povo bahiano, conseguiu as assinaturas de todos os presentes e mais de famílias do bairro, ao todo 333. Nos jogos realizados pelo «O Momento F. C.» com times suburbanos ou de bairro, os jogadores e a assistência assinam em massa o apelo contra as armas atômicas. O número de assinaturas já conseguido mostra as grandes possibilidades dos comandos organizados pelos trabalhadores da imprensa popular, que desse modo se liga mais estreitamente às amplas massas.

**MANIFESTAM-SE AS POPULAÇÕES DO INTERIOR**

TAMBÉM no interior do Estado a campanha desenvolve-se rapidamente. Em Itabuna, comandos realizados nas portas

das igrejas e cultos protestantes deram resultados inteiramente positivos. Em Ilheus, grande número de assinaturas já foi conseguido em comandos feitos nos distritos e nas fazendas de cacau.

Em Bonfim, assinaram todos os camponeses, juntamente com suas famílias, das fazendas Picada e Lagarto. De Juazeiro e Paramirim, foram enviadas para o movimento Bahiano centenas de assinaturas de camponeses, na sua grande maioria a rogo.

**PROPAGANDA CONTRA A BOMBA ATÔMICA**  
AO LADO do trabalho mais apropriado de coleta de assinaturas, desenvolve-se intensa propaganda, com cartazes reproduzindo o apelo, ilustrações sobre os efeitos do bombardeio atômico, volantes, boletins reproduzindo declarações de qualidade, etc., visando mostrar a todo o povo o real perigo dos bombardeios atômicos, e a necessidade e possibilidade de se proibir as armas atômicas, através das assinaturas do apelo de Estocolmo.

50.000 assinaturas já foram conseguidas em todo o Estado, e isto constitui apenas o início da virada. O povo bahiano empenha-se em cobrir e superar a quota de 250.000 assinaturas que lhe coube, colocando-se à frente dos demais Estados na emulação iniciada pelo Movimento Nacional pela Proibição das Armas Atômicas.

★ **MINAS GERAIS**  
A União Geral dos Trabalhadores lançou um manifesto condenando a arma atômica e considerando criminoso de guerra o governo que primeiro a utilizar contra qualquer país. Seguiram-se imediatas manifestações em fábricas e fazendas, em apoio ao Apelo de Estocolmo.

★ **RIO G. DO SUL**  
O técnico de futebol Gonçalves, os diretores e cracks do clube «Internacional» de Porto Alegre, assinaram o Apelo de Estocolmo. O técnico da tradicional organização futebolística, várias vezes campeão, afirmou, depois de sua assinatura: «Acho justíssima esta campanha poder destruir dessas armas nem se pode conceber com exatidão...»

★ **CEARA**  
A secretaria da Associação Cearense de Defesa da Paz e da Cultura, declarou à imprensa local que já foram recolhidas no Ceará mais de 30.000 assinaturas ao Apelo de Estocolmo. Encontrase em primeiro lugar a cidade de Fortaleza, com mais de seis mil assinaturas, seguida do Crato, com aproximadamente três mil. Entre as organizações figura em primeiro lugar, a Associação de Mulheres, seguida pelos trabalhadores do porto.

★ **BAHIA**  
Em Salvador, no bairro Estrada de Liberdade, a composição acentuadamente operária e o mais populoso da cidade, foi organizado um grupo coletor de assinaturas ao Apelo de Estocolmo, constituído por cinco garotos. O mais velho tem 13 anos e o menor 11. O grupo realizou já 3 grandes comandos, recolhendo 1.344 assinaturas.

— Em Feira de Santana, na Bahia, num só dia, os partidários da paz, em vários comandos, recolheram 1.500 assinaturas ao Apelo de Estocolmo. Um desses comandos foi realizado na feira da cidade, colocando os coletores um cartaz numa mesinha representando um cena da destruição de Hiroshima. Centenas de assinaturas foram recolhidas por esse grupo.

★ **SÃO PAULO**  
A Câmara Municipal de Igarapava, em S. Paulo, aprovou uma moção condenando a bomba atômica. Apresentou a moção o vereador popular João Marçal Vieira.

★ **DISTRITO FEDERAL**  
O sr. Lino Machado leu na Câmara dos Deputados uma mensagem da Federação das Mulheres de S. Paulo, na qual as signatárias pediram que fosse lida em plenário a humanitária declaração dos Partidários da Paz lançada em Estocolmo. O representante maranhense satisfez o pedido, lendo o texto do Apelo.

— Duzentos trabalhadores das pedreiras da Barra da Tijuca assinaram em poucos momentos o Apelo de Estocolmo. Dois cavouqueiros, ao aporem suas assinaturas, acrescentaram: «Nada de bomba atômica, nada de guerra. Queremos paz, não que emós morrer».

## O CONCURSO DE ASSINATURAS DE VOZ OPERARIA

# Novo Candidato ao 1.º Prêmio

### CRESCER O ENTUSIASMO DOS PARTIDARIOS DA PAZ EM TODO O BRASIL

CRESCER o entusiasmo entre os partidários da paz que concorrem ao Concurso VOZ OPERARIA para o maior numero de assinaturas ao Apelo de Estocolmo para proibição das armas atômicas. Divulgamos na semana passada a contribuição valiosa de Celestino Inácio da Costa, de Campina Grande, Paraíba, que nos mandou 1.000 assinaturas, colocando-se assim entre os mais fortes candidatos ao 1.º Prêmio: uma viagem ao Rio, Salvador, Recife ou Porto Alegre.

Esta semana, a maior quota de assinaturas nos foi enviada pelo partidário da Paz Sebastião Dinart dos Santos, de Tanambi, Estado de São Paulo, com 1.011 assinaturas.

Sebastião Dinart percorreu os bairros de sua cidade, não só recolhendo assinaturas, mas também distribuindo listas entre numerosas pessoas para que as recollectassem também. O resultado, segundo nos conta, foi o melhor possível. Muitas das pessoas que assinaram o

sua lista, conseguiram em seguida preencher listas de 22 assinaturas e, por sua vez, também distribuindo listas. Formou-se assim uma verdadeira «cadeia» de assinantes e coletores de assinaturas, dando como resultado imediato a elevada contribuição com que Dinart corre ao Concurso VOZ OPERARIA.

Esse partidário da Paz nos enviou ainda 176 assinaturas recolhidas pelo professor Tasso Botelho, também de Tanambi, com quem se empenha numa emulação fraternal para conseguir o maior numero de assinaturas ao Apelo de Estocolmo.

Na sua carta a este jornal, Dinart nos informa que 450 das suas assinaturas foram recolhidas entre camponeses do Município de Tanambi e as restantes na própria cidade.

Dinart dos Santos anuncia que mandará novas listas dentro de alguns dias. É um aviso bastante grato para nós e uma advertência aos demais concorrentes ao nosso Concurso, particularmente a Celestino Inácio da Costa, que por sua vez deve intensificar seu trabalho de ativo partidário da Paz que se tem revelado.



# Voz das Fábricas

# A Luta da Classe Operária no Norte da Coreia

## SOLIDARIEDADE DOS TRABALHADORES AO HEROICO POVO COREANO

A INFAMIA da ditadura americana de Dutra tentando enviar 20 mil soldados brasileiros para morrer na Coreia e lutar contra o povo coreano deve encontrar de parte da classe operária uma resposta energética, eficiente e clara. A classe operária não pode deixar de proceder assim. Em primeiro lugar, trata-se de demonstrar na prática a solidariedade dos trabalhadores brasileiros aos seus irmãos coreanos, que lutam de armas na mão contra o agressor imperialista, pela libertação nacional e social de seu povo. Em segundo lugar, trata-se, efetivamente, da classe operária ocupar ainda mais resolutamente o seu posto na luta em defesa da paz, pela independência nacional e por sua própria libertação social. De fato, a agressão imperialista contra o povo coreano atinge, ao mesmo tempo todos os povos e a classe operária do mundo inteiro. A agressão ao povo coreano é, além da mais infame e monstruosa provocação contra a paz no mundo, um novo pretexto dos imperialistas para reforçar sua dominação sobre os países coloniais e dependentes como o nosso, fazendo aumentar a exploração e a opressão da classe operária e das massas populares em geral. Assim é que, enquanto Dutra se prepara para enviar tropas brasileiras para a agressão imperialista, tenta-se votar no Parlamento a infame Lei de Segurança, a lei anti-greve e a lei sindical, tudo visando impedir a classe operária um regime de trabalho escravo, ainda pior que o chamado regime de guerra introduzido nas principais empresas durante o último conflito. Participando da agressão imperialista contra o povo coreano, a ditadura de Dutra tenta, ao mesmo tempo, esmagar através do terror, as lutas operárias e ajudar os capitalistas nacionais e estrangeiros a manter congelados os salários, a liquidar as principais conquistas da classe operária — direito de férias, repouso remunerado, indenização por despedida, etc. O dever da classe operária é, assim, não permitir que um único soldado brasileiro seja mandado para a Coreia, que uma única tonelada de nossos minérios e de nossos produtos seja destinada a esta guerra de rapina e que seja implantado no país um regime de guerra. Por isso, precisa protestar de todos os modos contra a infamia da ditadura — fazendo memoriais, enviando comissões aos jornais, ganhando as ruas em manifestações de massas, fazendo greves nas fábricas, e, principalmente, não transportando nem fabricando nada, absolutamente nada, que possa ser utilizado pelos gangsters imperialistas contra o heroico povo coreano.

### SÃO PAULO

**1 HORA DE GREVE** — As catadeiras do café da "Companhia Cruzeiro", em Santos, conquistaram depois de uma hora de greve, o aumento de salários pelo qual se mobilizavam há algum tempo.



**DESFALQUE NO SINDICATO** — O pelégo Alvaro Gonçalves Caçador, imposto pelo Ministério do Trabalho na diretoria do Sindicato de Veículos Rodoviários de São Paulo deu um desfalque de cerca de 300 mil cruzeiros nos cofres do Sindicato.

### NA FUNDIÇÃO BUGRE

Os trabalhadores da "Fundição Bugre", no Ipiranga, estão lutando por aumento de salários. O gerente manobrou, concedendo aumento apenas a 50 operários da seção de mecânica e esperando, assim, dividir os trabalhadores. Mas se enganou. Os trabalhadores unidos prosseguem a luta.

**FASCISMO NAS FÁBRICAS "MATARAZZO"** — O tubarão Matarazzo encheu suas diversas fábricas de deslocados

de guerra — o rebulho fascista da Europa — os quais formando uma espécie de polícia particular, se transformam em verdadeiros campos de concentração. Assim, na Colômbia, os trabalhadores são revistados na saída por guardas armados, que ameaçam a vida dos operários.

### GREVE NA "BELENZINHO"

— 1.500 operários da fábrica Belenzinho, ainda da propriedade de Matarazzo, realizaram um dia de greve, exigindo o pagamento de férias de São Pedro. A greve foi vitoriosa apesar da intervenção bestial da polícia, que encontrou energia reação dos trabalhadores.

### ESTADO DO RIO

### REBAIXA DE SALÁRIOS

— Os trabalhadores da seção de massaroqueira, da fábrica de Tecidos Esther, no município de Magé, tiveram ultimamente os seus salários reduzidos em 200 cruzeiros por quinzena. Indignados os operários lutam, em torno de uma associação local, contra este miserável roubo nos salários.



**DURANTE** os 36 anos da dominação imperialista japonesa na Coreia, as massas trabalhadoras viveram em condições terríveis de miséria e opressão. Os operários eram obrigados a trabalhar de 12 a 14 horas por dia com um salário de fome, inferior a 40 e 60% ao que eram pagos os japoneses. O salário das mulheres não passava de 35% do salário dos homens, e o dos jovens ainda era mais miserável. As condições de trabalho não eram protegidas por qualquer legislação não havia nenhuma assistência médica nem seguro social. Os operários que se arriscavam a falar em contratos coletivos de trabalho sofriam penas de vários anos de prisão. Não havia, é claro, qualquer liberdade política, nem possibilidade de educação para os trabalhadores e seus filhos.

A classe operária coreana não cessou de lutar contra estas condições de escravidão. Depois da revolta de 1.º de março de 1919, organizaram-se comitês, que tomaram rapidamente a direção da luta pela libertação nacional da Coreia. Em dezembro de 1928, os sindicatos resolveram organizar uma greve geral, que du-

rou 3 meses. De janeiro a agosto de 1940, enquanto a repressão japonesa atingia o máximo de brutalidade, os trabalhadores, encorajados pela resistência dos guerrilheiros sob a direção de Kim Ir-Sen, organizaram nada menos de 623 conflitos dos quais participaram 49.000 operários.

A 15 de agosto de 1945, graças ao heroísmo do Exército soviético, o povo coreano foi finalmente libertado da opressão japonesa. Mas enquanto o Norte da Coreia recebia os seus libertadores a possibilidade de reconstruir livremente seu país e decidir democraticamente de seu destino, o Sul, ocupado pelo exército americano, caía numa situação econômica e política pior ainda do que nos dias da ocupação japonesa.

No Norte da Coreia, a reforma agrária de 5 de março de 1946 repartiu entre os camponeses que não possuíam terra ou que possuíam pequenos pedaços de terra, um milhão de hectares que tinham pertencido aos latifundiários. Esta medida teve como consequência imediata um aumento considerável da superfície de terras cultiva-

das e das colheitas. Como resultado, o problema alimentar foi resolvido, embora a região do Norte não fosse especificamente agrícola. Esta medida teve igualmente como consequência um rápido progresso político e cultural dos camponeses, e consolidou definitivamente a união da classe operária com os camponeses.

No domínio industrial, uma lei promulgada a 10 de agosto de 1946 nacionalizou as empresas fundamentais da indústria, os transportes, os bancos. Isto permitiu não somente a reconstrução rápida das fábricas e das minas danificadas ou destruídas pelos japoneses, mas ainda a construção de numerosas novas fábricas. A produção industrial total do ano de 1948 foi maior 260 por cento do que a de 1946. Dois planos anuais de desenvolvimento econômico já foram coroados de êxito, e um plano de dois anos está em vias de realização. Foi promulgada uma legislação trabalhista, a 24 de junho de 1946, ao mesmo tempo que uma lei sobre a igualdade de direitos para ambos os sexos libertava as mulheres coreanas das condições feudais, e lhes dava, em

todos os domínios da vida pública, direitos iguais aos dos homens. A lei regulamentou as horas de trabalho, proibiu o trabalho de crianças, estabeleceu o sistema de seguros sociais obrigatórios e férias pagas, assegurou a aplicação do princípio de salário igual para um mesmo trabalho, garantindo o direito aos contratos coletivos. Graças à aplicação desta lei, as condições de vida e de trabalho dos operários e dos empregados estão sendo consideravelmente melhoradas.

Uma verdadeira revolução cultural se realizou no Norte do país. Sob a ocupação japonesa não havia senão 1.372 escolas primárias e 115 escolas técnicas com um número total de 910.000 alunos. Em 1949, contavam-se 5.121 escolas primárias com mais de 2 milhões de alunos. Além disso, 145.000 estudantes seguem cursos de 3.718 escolas para adultos, e dezenas de milhares de alunos se formavam em escolas de quadros especializados.

A Federação Sindical do Norte da Coreia foi fundada a 30 de novembro de 1945, quando compreendia 11 Federações de indústria, reunindo 130.000 trabalhadores. Em junho de 1949, contava 500.000 membros organizados em 14 Federações industriais. A Federação Sindical constitui um dos mais firmes apoios do Governo Democrático Popular e conta com 126 dos 572 membros da Assembleia Suprema da República Democrática Popular.

Os Sindicatos desempenham um papel de primeira importância nos planos de construção econômica do país. Graças aos progressos realizados, mais de 100 novos produtos industriais apareceram no mercado nacional em 1948. O aumento dos produtos em circulação determinou uma diminuição imediata dos preços, enquanto os salários dos trabalhadores aumentavam.

Em abril de 1948, os representantes de mais de 50 partidos políticos e organizações sociais do Norte e do Sul da Coreia se reuniram em conferência, e novamente em junho do mesmo ano, e decidiram organizar eleições gerais para toda a Coreia a 25 de agosto de 1948. Essas eleições, que tiveram lugar na Coreia do Norte, onde a quase totalidade dos eleitores compareceram às urnas, se realizaram clandestinamente no Sul do país, onde o eleitorado votou na proporção de 77,52%. Assim se elegeu um governo Democrático Popular, reconhecido pela União Soviética — que retirou suas tropas do Norte do país, enquanto os norte-americanos ficaram no Sul — e pelas Democracias Populares.

— Depois disso, os ocupantes americanos reformaram ainda mais sua feroz opressão no Sul da Coreia, provocando numerosos incidentes nos limites do paralelo 38. Diante desta situação, os elementos democráticos do Norte e do Sul da Coreia formaram, a 23 de junho de 1949, em Piong-Yang a Frente da Unidade Democrática e Patriótica, cuja finalidade é realizar o mais rapidamente possível a unificação do país.

O obstáculo mais importante à realização desta unidade é, menos o governo fantoche que o chamado Comitê da ONU, que sustenta suas reservas a política de progresso e provisão de emprego. Mas a classe operária da Coreia continuará até a vitória final sua luta tanto pela libertação do sul do país, como para manter e consolidar o que já conquistou no Norte.

## UM «TUBARÃO» GANHA MAIS DE SEIS MIL CONTOS POR ANO

# Cr\$ 550,00 é a Média de Salários De Quatro Mil Textéis de Juiz de Fora

Reportagem de NEWTON AVILA

**CERCA** de quatro mil operários — mulheres e jovens em sua maioria — trabalham na indústria têxtil de Juiz de Fora. Ganham, em média, o salário de Cr\$ 550,000 por mês. Pagando salários de fome aos operários, os donos das fábricas elevam seus lucros de ano para ano. Vejamos quais foram os lucros de três das mais importantes fábricas de Juiz de Fora: A Cia. Fiação e Tecelagem Bernardo Mascarenhas, que emprega 200 operários, teve um lucro de 53% sobre o capital em 1948, ou seja Cr\$ 6.400.000,00; a Cia. Fiação e Tecelagem S. Vicente, com 200 operários, teve um lucro de 36% sobre o capital, isto é, Cr\$ 3.200.000,00; a Cia. Fiação e Tecelagem Antonio Moura, com 400 operários, teve um lucro de 33% sobre o capital, ou seja Cr\$ 2.000.000,00. Esses lucros fabulosos dão uma idéia da exploração desenfreada a que os "tubarões" submetem os operários da indústria têxtil de Juiz de Fora.

A exploração é acompanhada pela opressão contra os trabalhadores, feita pelos "tubarões" particulares dos patrões, e pela miserável polícia do udonista Milton Campos.

### ★ BAIXOS SALÁRIOS E CARESTIA

A última elevação de salários, correspondente a 30%, foi o resultado direto da memorável greve de abril de 1948. Desde então, os patrões só têm aumentado a exploração, utilizando do estatutagem da exigência da assiduidade de 100%, e anulando o descanso semanal remunerado. Na prática, portanto, têm havido reduções de salário para os trabalhadores textéis, enquanto o custo da vida aumenta sem cessar. O arroz, que custava Cr\$ 3,50 em 1948, custa hoje, 6,50; o açúcar, de 3,70 passou para 4,40; o café, de 2,00 pulou para 21,00; e a carne, de 7,00 em 1948, foi elevada para 9,00 em 1950. Estes são apenas alguns exemplos de artigos de primeira necessidade, cujos preços vêm sofrendo elevação constante.

Os "tubarões" da indústria têxtil já nem mais disfarçam seu apoio à política de guerra de Dutra e de seus patrões americanos. Isso acontece porque durante a guerra esses magnatas podem ganhar ainda mais e submeter os trabalhadores a um regime de caserna, tratando os operários como soldados mobilizados para a guerra. Assim foi durante a última conflagração quando os textéis foram submetidos à mais barbara exploração.

Não tinham, naquela época, nem direito de mudar de emprego. E, muitos menos de reivindicar salários mais altos, melhores condições de

vida, etc. Os "tubarões" da indústria têxtil so-nham com a volta dessa situação, da qual esperam se aproveitar novamente para multiplicar seus lucros.

### ★ A IMPORTANCIA DA LUTA PELA PAZ

Mas, por outro lado, os textéis são particularmente interessados em impedir o desencadeamento da nova carnificina, o massacre atômico dos povos preparados febrilmente por Truman e seus parceiros. Imobilizar o agressor, impedir a guerra atômica, contribuir para a proibição da bomba atômica, é um dever de honra dos trabalhadores textéis, que devem, por isso, redobrar seus esforços na coleta de assinaturas para o Apêlo de Estocolmo.

A luta pela paz, para todos os patriotas, significa lutar também pela libertação nacional do jugo escravizador dos magnatas de Wall Street e de seus lacaios em nosso país, até a conquista de um governo democrático popular para o nosso povo.

### ★ ORGANIZAR PARA A VITÓRIA

Os trabalhadores textéis de Juiz de Fora, da "Mascarenhas", da "São Vicente", da "Antonio Moura" ou de qualquer outra fábrica, têm necessidade urgente de um aumento geral nos seus salários, de liquidar a exigência da assiduidade, de acabar com as despedidas frequentes do, menores quando vão se aproximando dos 18 anos. Exigem também o respeito ao princípio do "salário igual para igual trabalho".

Os quatro mil textéis de Juiz de Fora têm em comum o interesse de liquidar o sistema de opressão mantido pelos patrões. Somente a luta persistente de todos os trabalhadores pode assegurar-lhes a vitória sobre os patrões. Uma condição indispensável para o triunfo é a organização dos trabalhadores nos próprios locais de trabalho, com a criação de comissões por seção: assim, em cada empresa, na estamparia, na tinturaria, na tecelagem ou na preparação, devem ser formadas, com os operários mais combativos, amplas comissões com o apoio da maioria dos operários da seção, para dirigir a luta contra a exploração e a opressão patronal. Essas comissões podem designar seus representantes para a formação de associações por fábrica. Essas associações, por sua vez, se unirão entre si, formando União Sindical livre filiada à Confederação dos Trabalhadores do Brasil.

Trilhando esse caminho, os textéis de Juiz de Fora conquistarão inevitavelmente a vitória de suas reivindicações.



# O Povo Alemão ao Lado da União Soviética Na Luta Contra os Agressores Imperialistas

NO III Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, que se realiza em Berlim, o seu Presidente Wilhelm Pieck fez o relatório do Comité Central. Aparentou uma análise da situação interna e externa, sublinhando que os imperialistas norte-americanos recusam um tratado de paz justo ao povo alemão e querem transformar a Alemanha Ocidental em bases ocidentais e, finalmente em centro de operações militares, ameaçando assim a paz na Europa, e a liberdade de todos os povos europeus. Continuando, declarou que o estabelecimento da República Democrática da Alemanha foi o resultado do golpe nas intenções dos imperialistas e a rejeição da guerra. A República Democrática mostra ao povo alemão o caminho do progresso e da independência nacional, e com seu estabelecimento foram criadas todas as condições para o desenvolvimento das relações económicas e culturais com os outros povos, na base da paz e da amizade.

Referindo-se á politica interna declarou que a Alemanha exige a luta pela sua liberdade, e pelo estabelecimento de um regime democrático em toda a Alemanha, em plena convivência pacífica e colaborando com todos os povos que amam a paz. Disse, ainda, que o povo alemão apoia com todas as suas forças a União Soviética e o campo da paz na luta contra os agressores

## Falam Wilhelm Pieck e Suslov no III Congresso do Partido Socialista Comunista Unificado da Alemanha

imperialistas. Referindo-se aos êxitos da emancipação económica e cultural, assinalou que eles se tornaram possíveis graças a que o Exército Soviético libertou a Alemanha das garras do fascismo hitlerista e o governo soviético, por iniciativa do grande Stalin reduziu as reparações que iriam compensar uma pequena parte dos prejuizos causados pelos exercitos nazistas. Concluindo, agradeceu o apoio extremoso e amigo do grande povo soviético e do grande chefe, camarada Stalin.

destacamento de vanguarda da classe operária e de todos os trabalhadores da Alemanha. O Partido Socialista Unificado da Alemanha é a principal das forças democráticas e progressistas da Alemanha em sua luta para estabelecer definitivamente a sua liberdade, liquidando as forças da guerra e o fascismo da Alemanha.

Nos cinco anos decorridos o Partido Socialista Unificado da Alemanha juntamente com outras organizações democráticas conseguiu grandes êxitos na transformação democrática da Alemanha. O Partido Socialista Unificado da Alemanha é a grande força na luta para a criação de uma Alemanha democrática e amiga da paz e para tornar mais sólida a paz na Europa.

O Comité Central do Partido Bolchevique da URSS transmite ao Partido Socialista Unificado da Alemanha votos de novos grandes êxitos no reforçamento de suas fileiras e na defesa dos princípios do internacionalismo proletário.

O representante do Comité Central do Partido Bolchevique da URSS concluiu suas palavras desejando grandes êxitos aos trabalhos do III Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, que representará grande contribuição no trabalho de unidade do país.

### FALA SUSLOV

NO Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha falou o camarada Suslov, Secretário do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, que foi entusiasticamente aplaudido.

Disse Suslov, entre outras coisas: "Camaradas, o Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S. e todo o povo soviético concentra profunda atenção ao Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha. O Partido Bolchevique encarregou-me de transmitir a saudação fraternal ao vosso Congresso. O Comité Central do Partido Bolchevique da URSS saudou o III Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, SAUDAÇÃO A STALIN

OS DELEGADOS do III Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha aprovaram uma saudação ao camarada Stalin, Secretário Geral do Partido Bolchevique da URSS. Os delegados do Congresso exprimem do fundo do coração seus agradecimentos ao grande Stalin pela enorme ajuda prestada ao Partido Socialista Unificado da Alemanha e o povo alemão, particularmente a partir de 1945.

A saudação diz: "Camarada Stalin, o estabelecimento da República Democrática da Alemanha desempenhou uma virada histórica na Europa e tem grande importância para o futuro de nossa Pátria unida na luta contra os ateadores da guerra imperialista.

O III Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha — sublinha a saudação — deve tornar-se o marco na luta do povo alemão contra os ateadores da guerra, norte-americanos, ingleses e seus auxiliares, na luta por uma Alemanha democrática, independente, unida e amiga da paz.

# A COREIA

NÃO é por acaso que a invasão da Coreia pelos Estados Unidos se deu num momento em que a crise económica do capitalismo mostra novos sintomas de agravamento. Em junho, o exército de desempregados nos Estados Unidos teve um aumento de mais de 300.000 homens. Eram mais 300.000 famílias norte-americanas que chegavam às portas da fome e da miséria.

E os gangsters de Wall Street não querem a queda de seus negócios. Era preciso dar uma saída aos excedentes de mercadorias, produzir mais e mais produtos, lá que havia menos compradores de mantimentos, de roupas e calçados.

Quando o general soviético Chykov, a 30 de setembro de 1947, propôs, pela primeira vez, na Comissão Mista Soviético-norte-americana da Coreia, a retirada de todas as tropas de ocupação daquela região, restituindo-a á direção dos próprios coreanos, recebeu como resposta a seguinte pergunta do representante norte-americano Fuller:

— Por que os russos querem sair da Coreia? Os seus negócios não lhes interessam?

São os "big business", os monopólios de Nova York pela mão assassina de Truman, que dirigem a intervenção armada contra a Coreia. Guerra, colonização, dominação mundial dos Estados Unidos — eis o que visam os big-brothers de Wall Street.

Desesperados com a resistência heroica do povo coreano ao governo fantoche terrorista de Syngman Ri, imperialistas yanques não tinham nada mais a fazer e se lançaram á agressão aberta, visando transformar não só o sul, mas toda a Coreia num posto avançado para guerra mundial, que preparam afanosamente, para o salto á União Soviética e á China.

Aqui estão alguns fatos que mostram a rivalidade entre os yanques e os russos, sempre e agem agora os norte-americanos e seus lacaios na Coreia.

## A Agressão à Coreia Exige Mais e Mais Assinaturas

A guerra de agressão dos Estados Unidos á Coreia está evoluindo mais e mais a sede de sangue dos cientistas atômicos. O Senador norte-americano Charles McNary, na sessão de 22 de setembro, apresentou ao Congresso um relatório sobre a situação na Coreia. O relatório afirma que o povo coreano está sendo submetido a ataques atômicos. Ao mesmo tempo, o gangster Truman lançou um apelo ao Congresso para a fabricação de novas armas atômicas. Como devem responder os partidários da paz a essa fúria canibalesca? Conseguindo mais e mais assinaturas para o Apelo de Esto. colmo:

"Proponho que o presidente da República exija do comandante das forças da Coreia do Norte que se retire dentro de uma semana. Caso contrário, as cidades da Coreia setentrional serão submetidas a ataques atômicos".

EXIGIMOS a proibição absoluta da arma atômica, arrá execrável e de extermínio em massa de populações.

EXIGIMOS o estabelecimento de um controle internacional para assegurar a aplicação desta medida de interdição.

CONSIDERAMOS que o governo que primeiro utilizar, contra qualquer outro país, a arma atômica, cometerá um crime contra a humanidade e será tratado como criminoso de guerra.

PEDIMOS a todos os homens de boa vontade do mundo que assinem este apelo.

(Ass.)



MAPA DA COREIA VENDO-SE EM BRANCO A PARJA LIBERTADA — A maior parte da Coreia já foi libertada. Os agressores yanques, empurrados para o sul encontram-se agora num unico ponto: no bolsão situado em torno do porto de Pusan, contra o qual avança impetuosamente o Exército Popular da Coreia. Imminente a expulsão completa dos soldados de Truman do solo coreano.







# EE. UU. - O Mais Agressivo País Do Mundo

100% \* \* \*  
dos ESTADOS

## 2 Séculos - 177 Guerras de Conquista



Dez vezes maior o território dos Estados Unidos do que em 1775

Um vasto império colonial arrebatado à Espanha

Intervenções constantes contra países da América Latina

Planos expansionistas contra o Brasil

OS ESTADOS UNIDOS figuram hoje como o mais agressivo país de toda a história, desbancando mesmo os mais ferozes lobos imperialistas, como a Inglaterra. Agredindo países, pilhando riquezas, escravizando povos, os Estados Unidos, segundo os próprios documentos oficiais de Washington, se empenharam, nos dois últimos séculos, em 177 guerras de conquista e submeteram territórios 10 vezes maiores do que o território dos Estados Unidos quando esse país conquistou sua independência.

**1** - Entre 1775 e 1903, segundo o "Registro Histórico do Exército dos Estados Unidos, esse país provocou e travou 114 guerras, com um total de 8.600 batalhas e combates.

**2** - Ao ser proclamada a independência dos EE. UU., em 1775, seu território era de 558.800 quilômetros quadrados. De 1776 ao fim da guerra contra o México (1853), o território dos Estados Unidos chegou a cerca de 5 milhões de quilômetros quadrados, aumentando mais de 8 vezes.

**3** - Como o gangster que obriga sua vítima a pagar recibo do roubo sofrido, o governo dos Estados Unidos muitas vezes mascarou suas conquistas territoriais com dinheiro, "indenizando" os Estados pilhados com alguns milhares de dólares. As guerras e agressões mais notáveis foram:

**4** - Em 1803, os norte-americanos arrebataram à França um imenso território na América, a Louisiana, compreendendo o Missouri, Arkansas, Iowa, parte de Minnesota, o Kansas, Nebraska, parte do Colorado, Montana, Dakota do Norte, Dakota do Sul, Wyoming e Oklahoma.

**5** - Durante o governo de Jefferson (1800 a 1812), os Estados Unidos agrediram a Tripolitania, na África, e a esquadra americana bombardeou Trípoli, fazendo uma guerra de 2 anos contra esse país.

**6** - A 8 de junho de 1812, os Estados Unidos declararam guerra à Inglaterra (governo Madison).

**7** - Em 1816, no governo de Monroe, dá-se a invasão da Flórida. É no período de Monroe (1823) que os expansionistas norte-americanos agem sob o lema de "A América para os americanos", que Eduardo Prado completava: "do Norte".

**8** - Entre os anos de 1816 e 1819, os expansionistas norte-americanos realizam a anexação de territórios que iriam constituir os seguintes atuais Estados: Indiana, Mississippi, Illinois e Alabama.

**9** - Em 1844, os Estados Unidos agredem a China e obrigam o governo chinês a lhes abrir os portos e a reconhecer "concessões" territoriais dos Estados Unidos na China.

**10** - Entre 1845 e 1848, os Estados Unidos dirigem uma furiosa guerra de agressão ao México, praticando contra os mexicanos as mais negras selvagerias e procurando humilhá-los por todas as formas. Derrotados os mexicanos, são roubados ao México os territórios que hoje constituem os Estados de Texas, Novo México, Utah, Arizona e Califórnia.

**11** - Em 1854, os Estados Unidos fazem uma agressão armada ao Japão: A esquadra americana sob o comando do Comodoro Perry bombardeia cidades japonesas e obriga o governo do Japão a assumir compromissos comerciais com os Estados Unidos.

**12** - 1855-60 - Expedições armadas contra Honduras e Nicarágua.

**13** - 1861: anexação do Estado de Oregon.

**14** - 1865: Invasão do México pelo general Sheridan.

**15** - 1872: Intervenção dos Estados Unidos nas ilhas Samoa.

**16** - 1880: As ilhas Samoa são declaradas "protetorado" dos EE. UU.

**17** - 1884: Os Estados Unidos estabelecem pela força a base naval de Pearl Harbor, no Pacífico.

**18** - 1890-91: Intervenção dos Estados Unidos na guerra civil do Chile.

**19** - 1893: Intervenção em Hawaí.

**20** - 1893: Uma tentativa de rebelião popular na ilha de Hawaí é esmagada pelos norte-americanos a ferro e fogo. Fuzileiros navais ianques desembarcam e estabelecem um "governo" dirigido por um cidadão norte-americano.

**21** - 1898 - Guerra dos Estados Unidos contra a Espanha. Todas as

antigas possessões espanholas no hemisfério ocidental são arrebatadas pelos norte-americanos. No mesmo ano dá-se a anexação das Filipinas como colônia dos Estados Unidos. Porto Rico e Hawaí seguem o mesmo destino. Cuba, nominalmente independente, é escravizada aos EE. UU. pela chamada "Emenda Platt", que autorizava os norte-americanos a intervir na ilha "para manter a ordem". A ilha de Guam, no Pacífico, foi ocupada pelos Estados Unidos. A ilha de Corn foi tomada à Nicarágua, bem como pequenas ilhas das Honduras.

**22** - Neste século, os Estados Unidos inter-

vieram numerosas vezes nos assuntos internos dos povos da América Latina, sob pretextos os mais diversos. Colômbia, Venezuela, Chile, países da América Central e outras nações latino-americanas têm sido vítimas da belicose rapace dos imperialistas ianques. Fuzileiros navais norte-americanos desembarcavam e violavam a soberania dos países da América Latina toda vez que isto era de interesse dos magnatas de Nova York. Em 1903, os Estados Unidos provocaram uma rebelião na Colômbia, dessa tão comuns neste Continente, e proclamaram o Estado "independente e soberano" do Panamá. Era o Canal do Panamá, que os imperialistas norte-americanos precisavam construir para fins expansionistas.

**23** - Em relação ao Brasil, apesar da grande distância, os imperialistas

norte-americanos sempre alimentaram e continuam a alimentar projetos de colonização e domínio. Eduardo Prado relata que em 1853 se verificou uma cinica conspiração do governo dos Estados Unidos para se apossar da Amazônia pelos mesmos métodos de gangsterismo aplicados no México e América Central. Depois de uma exploração do rio Amazonas feita pelo tenente Herdon, da Marinha americana, organizou-se em Nova York uma expedição de piratas contra o Pará e o Amazonas. Simultaneamente foram enviados conspiradores ianques ao Peru e Bolívia, com o objetivo de provocar a guerra com o Brasil, dando pretexto a que os Estados Unidos fossem em "auxílio" daqueles dois países, facilitando assim a conquista da Amazônia. Energicamente interpelado pelo embaixador do Brasil, o então Secretário de Estado de Washington respondeu, por duas vezes, que "os funcionários da União, com conhecimento de causa, não facilitariam a partida de nenhum navio que fosse violar as leis do Brasil". A vigilância fez fracassar a intervenção planejada pelos ianques.

**24** - Mas seus planos não foram arquivados. Continuam por outros meios e modos. A Amazônia, na atualidade, é um dos pontos mais visados pelos conquistadores ianques. Já está, inspirado pelos imperialistas americanos, o projeto da Hileia Amazônica, que não passa de uma máscara para o expansionismo dos Estados Unidos numa das mais ricas regiões do Brasil, onde inclusive está confirmada hoje a existência de ricas jazidas de petróleo.

★  
**TEMOS AQUI**, em miniatura, um retrato dos agressores do povo da Coreia, os mesmos bandidos que em dois séculos desencadearam 177 guerras de agressão e conquistas, derramaram sangue e pilharam riquezas de numerosos países.

Merecem a nossa mais viva repulsa e o ódio sagrado do nosso povo aos seus novos planos de guerra e dominação mundial.

### ★ BAHIA

O jornal de Chateaubriand em Salvador que publica diariamente propaganda da candidatura do "quisling" Juroci Magalhães, esqueceu de cortar num cartaz juracista o nome do financiador da propaganda. E bem visível para todos os leitores ficou no pé do cartaz: "Standard Propaganda". Juroci se demascarou, assim, mais profundamente, como o candidato do odiado truste parrolifero.

### ★ CEARÁ

A Federação de Mulheres do Ceará, em vibrante manifesto, protestou contra a agressão ianque à Coreia, afirmando a seguir: "Nossos filhos não irão à guerra".

### ★ GOIÁS

Por ocasião da exibição do filme guerreiro nazianoque "Cortina de Ferro", em Goiânia, o público interrompeu o espetáculo com protestos indignados

### ★ PERNAMBUCO

A Assembléia Estadual aprovou por unanimidade um protesto contra a prisão e o espancamento por uma patrulha da base, de um funcionário Fóro Euripedes Tavares, responsabilizando o brigadeiro fascista Heckner pela vida daquele cidadão.

### ★ SÃO PAULO

Manifestando-se energeticamente contra o envio de tropas brasileiras para a guerra dos imperialistas ianques na Coreia, o padre Arnaldo Moraes Arruda declarou que está decidido a ir à praça pública, realizando comícios para mobilizar o povo contra este crime.

### ★ ESPIRITO SANTO

Dezenas de democratas de Guagui, protestam vigorosamente contra o processo nazianoque que a ditadura move contra Prestes, num abaixo-assinado de solidariedade ao Cavaleiro da Esperança.



# Camponeses de São Paulo Realizam Greves Vitoriosas

### PROTESTAR CONTRA O ENVIO DE TROPAS PARA A COREIA

OS CAMPONESES devem protestar energeticamente contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia e lutar com firmeza contra a guerra e pela paz. São, principalmente, os jovens camponeses, os filhos dos campos, que a ditadura de Dutra pretende arrastar para morrer por Truman, em defesa dos interesses escravizadores dos milionários norte-americanos, de Rockefeller, da Sanbra, da Anderson Clayton e parceiros. Além disso, empurrando cada vez mais criminosamente o nosso país para a guerra imperialista contra a independência dos povos, ditadora de Dutra, servindo os interesses dos latifundiários, procura justificar o aumento da exploração, da miséria e da exploração dos camponeses. Procura introduzir, novamente, como na época da última guerra, o cambio negro do querosene e dos transportes, aumentar o cambio negro das sementes e do veneno, aumentar ainda mais os preços dos gêneros de primeira necessidade. Pretende, ao mesmo tempo, impor aos camponeses, a pretexto de "necessidades de guerra", um baixo preço pelo que produzem e vendem nos açambarcadores. A ditadura e os latifundiários, a pretexto da guerra, tentam impor ao país a "lei de segurança", para justificar as prisões, os assassinatos dos camponeses que lutam contra a fome e a miséria e a dissolução violenta de todas as organizações camponesas. Os camponeses precisam, pois, salvar a vida de seus filhos, lutando, ao mesmo tempo, contra a fome, a exploração e a opressão em que vivem. Para isso é necessário lutar também pela paz, não permitindo que nenhum de seus filhos seja enviado para a guerra imperialista contra o povo coreano, que luta, entre outras coisas, pela distribuição gratuita das terras aos camponeses-trabalhadores. Os camponeses precisam lutar por melhores contratos nas fazendas, realizando greves, nas quais exijam, ao mesmo tempo, que nem um só soldado brasileiro vá morrer por Truman ou que nada do que plantam seja enviado para alimentar os agressores dos camponeses, dos operários e do povo coreano.

**GREVE DE CONTADORES DE CANA** — Entraram em greve os contadores de cana da Usina São Paulo, em Capivari. Miseravelmente explorados, estes trabalhadores — cerca de 250 — ganham somente 3 cruzeiros e têm que trabalhar mais de 20 horas de trabalho por dia, pelo corte de 360 canas. Através da greve, os trabalhadores exigem um aumento de 6 cruzeiros por mês de 18 cruzeiros de antes. O tubarão deu um aumento de 350, mas ainda assim os trabalhadores não voltaram ao serviço, prosseguindo na luta.

**POLICIA DE MONSTROS** — A polícia de Guararapes, a serviço dos latifundiários, move feroz perseguição contra os camponeses que combatem a lutar por melhores condições de vida. Nesta perseguição, invadiram o lar do trabalhador José Manoel de Lima, aí espancaram selvagemmente sua esposa, no último mês de gravidez.

**LUTAM OS MINEIROS DE CRICIUMA** — Os mineiros da Cia Brasileira Carbonífera de Aracanguá, em Criciúma, estão lutando por uma série de reivindicações, como suspensão do contrato de trabalho que a Cia quer aplicar contra os interesses dos trabalhadores, pagamento das gratificações de 1948 e 1949, volta ao trabalho dos companheiros despedidos injustamente e expulsão do engenheiro fascista Guy Reata. Os mineiros

### CAVALGADA DA PAZ

**MAIS** de duzentos camponeses de Azevedo Marques desfilaram a cavalo pelas ruas de Viradouro, Estado de São Paulo. A convite dos operários da cidade, foram à cidade, a fim de assinarem em massa o Apelo e Estocolmo, exigindo a proibição da bomba atômica. Ao ser conhecido o motivo da marcha dos camponeses, como aclamaram e entusiasmadamente

realizaram uma grande assembleia levantando essas reivindicações e lutam contra as violências da polícia, que pretende afastar de Criciúma o líder mineiro Arnaldo Assunção.

### BAHIA

Os camponeses de Parimirim, Estado da Bahia, já enviaram ao Movimento Bahiano Contra a Bomba Atômica, 1.989 assinaturas de apoio ao Apelo de Estocolmo contra a bomba atômica. A Companhia pela proibição desse terrível engenho de guerra prossegue com grande animação entre as massas camponesas daquela região. Grupos coletivos estão percorrendo as fazendas, coletando assinaturas e esclarecendo os camponeses a respeito da bomba atômica e do perigo de guerra.

**REPRESENTAÇÃO DE TATUIRÁS** — Os trabalhadores do café da Fazenda Angelica, em Ilhéus, estão revoltados com as arbitrariedades do latifundiário João Dias Tavares que, furioso pelo fato desses trabalhadores terem conquistado o pagamento de férias, a que têm direito por lei, está despedindo inúmeros deles. Os trabalhadores poderão, que verificaram suas próprias forças quando lutaram unidos pelo pagamento das férias, unem-se agora para fazer cessar a torpe representação do latifundiário.

Essas vitórias estão mostrando a todos os camponeses que a época da colheita do café — quando seu trabalho é mais necessário — é a melhor época para a realização de greves pela conquista de suas reivindicações.

**OS NEGOCIISTAS** — Inaque monopolizam a exportação do café brasileiro. Por isso, fazem a mágoa de aumentar artificialmente o preço do café, em proveito próprio e dos seus agentes latifundiários. A vida escurece. E é o nosso povo que sofre diariamente as consequências do aumento contínuo do custo da vida. Os "tatuirás" chegam a vender uma saca de café por mil e setecentos cruzeiros, mas a média do salário do trabalhador do campo pelo trato de mil pés de café, continua sendo de mil e quinhentos cruzeiros por ano. O aumento do preço do café agravou ainda mais as dificuldades dos camponeses, pois os "tatuirás", sedentos de lucros, proibem a plantação de cereais nas ruas do cafezal, proibem ao camponês (ou animal), impedem que façam uma horta, escravizam por todas as formas o trabalhador do campo, esfomeando suas famílias.

Essa situação insuportável obriga os camponeses a lutar pela conquista de suas reivindicações mais sentidas: melhores salários, liberdade de reunião e associação, direito a plantar nas ruas dos cafezais e feiras anuais. Nessa luta os camponeses do interior de São Paulo — a realizado greves vitoriosas durante a atual colheita de café. Ultimamente, verificaram-se movimentos grevistas nos municípios de Bataguá, Guararapes, Jardimópolis, Lins, Ourinhos, Adamantina, Vera Cruz, Pompeia, Navantes, Presidente Prudente e outras cidades.

### GREVES VITORIOSAS

Algumas greves são derrotadas, por falta de um mínimo de organização dos camponeses em si, pois a polícia do assessor Ademar se atrai com toda ferocidade contra os movimentos grevistas, na defesa dos privilégios dos latifundiários. Onde, porém, há um comando capaz de dirigir os trabalhadores e suas famílias, de organizar piquetes contra os fura-greves, os movimentos têm sido vitoriosos.

É este o caso dos trabalhadores da "Fazenda Santa Josefina" no município de Pompeia. Os colonos reivindicavam um aumento de oito para trinta cruzeiros por saca de café apinhado. Em meio dia de greve, conquistam o pagamento de vinte cruzeiros por saca.

Outro exemplo: na "Fazenda Paranaíba", no município de Jardimópolis, os trabalhadores realizaram uma greve reivindicando aumento para a colheita de café. O resultado foi o aumento de 50%.

Obtiveram esse mesmo resultado a fazenda de dez para vinte e cinco cruzeiros por saca de café colhido. Estão decididos a reivindicar novo aumento para o trabalho num talhão de vinte e cinco mil pés de café.

Na "Fazenda Santa Isabel", onde os salários estavam atrasados quatro meses, os colonos entraram em greve pelo pagamento em dia, e por Cr\$1.600,00 por mil pés de café por ano. O "tatuirás" não teve outra saída: mandou pagar imediatamente.

Em consequência de um boletim distribuído no município de Lins, esclarecendo os camponeses sobre a exploração de que são vítimas, e sobre a necessidade de lutar por seus direitos, os colonos da "Fazenda Santo Antonio" fizeram uma greve de um dia, reivindicando o aumento de oito para trinta cruzeiros por saca de café colhido. A luta pelo trinta cruzeiros continua.

O sanguinário Ademar, cunha, e aproveitam, com vigor crescente a época das colheitas, para realizar vigorosamente as greves reivindicatórias.

As greves dos camponeses, nas atuais circunstâncias, ligadas à luta pela terra, a paz e a liberdade nacional, devem ser conduzidas com firme confiança na vitória. Essas greves ensinam os camponeses a elevarem suas formas de luta. São, por isso, um exemplo a seguir. Durante as colheitas, em cada fazenda de café, devem ser divulgados os exemplos dessas greves vitoriosas, que despertam, inevitavelmente, o entusiasmo dos trabalhadores do campo.

## O Povo Deve Tomar Em Suas Mãos Os Destinos Da Pátria

(Conclusão da 1.ª página)

vor da entrega de nossas riquezas, de nossas bases e da direção de nossas forças dos então a favor da Lei de Segurança, da Lei Contra os Militares, da liquidação dos direitos da classe operária e das violências sangrentas contra o povo. Todos estão a favor dos lucros extraordinários dos capitalistas, contra as greves e as lutas operárias. Todos defendem encarnadamente o latifúndio semi-feudal e estão a favor da repressão sangrenta da luta camponesa. Todos são, enfim, defensores dos interesses do imperialismo inaque, agentes da camarilha totalitária de Truman, da burguesia e dos latifundiários.

Essas alianças que Brigadeiro Getúlio, Cristiano, os dirigentes da UDN, do PSD, do PTB e do PR realizam com a quinta-coluna hitlerista mostram que todos esses partidos e esses politiquinhos das classes dominantes formam no mesmo tempo da reação e do fascismo e que toda a fraseologia demagógica desses senhores já não pode encobrir esta realidade. Todos, sem exceção, querem uma política de mais terror contra as massas populares para manter seus odiosos privilégios de classe, para entregar o país à colonização inaque e para vender o sangue de nossa juventude aos traficantes de guerra. Venceremos, assim, em nosso país aquela marcha das classes dominantes para o fascismo que o grande Stalin já denunciava em 1927, como sendo uma das medidas preliminares para o desencadear da guerra imperialista. "Para fazer a guerra — dizia Stalin — não basta aumentar os armamentos nem organizar novas expedições. É preciso ainda reforçar a guarda dos países capitalistas. Nenhum país capitalista pode se lançar numa guerra de envolvimento sem ter previamente assegurada sua retaguarda, sem ter substituído "seus" operários, "seus" soldados, "seus" oficiais, "seus" oficiais graduados da política dos governos burgueses".

É justamente por isso, para o fim de escravizar o nosso povo, os imperialistas anglo-americanos e para lançar o país na guerra imperialista, que a ditadura de Dutra, com o apoio de todos os políticos das classes dominantes, procura fascitizar cada vez mais o aparelho estatal feudal-burguês, através de uma legislação de terror, ao mesmo tempo que procura levar os bandos fascistas a terroríficas para empregar-os novamente como tróia de choque contra as massas populares.

Isto mostra às massas populares que nas condições atuais de nosso país elas só

têm um caminho para conquistar a democracia, defender a paz, libertar-se do jugo imperialista e da ameaça de uma ditadura fascista: é o caminho das lutas revolucionárias pela liquidação do Poder da burguesia e dos latifundiários, serviços do imperialismo, e pela implantação de um Governo Democrático Popular, sob a direção da classe operária em aliança com as massas camponesas e todas as camadas progressistas da população. Ninguém se deve iludir: nenhuma substituição de homens no Poder — troque-se Dutra por Getúlio, Brigadeiro ou Cristiano ou mantenha-se o próprio Dutra ou outro general qualquer — modificará o estado de coisas em nosso país, a menos que se aprofunde a dominação imperialista em nossa terra, que avance os preparativos de guerra e as medidas de fascistização do aparelho estatal.

O povo, sob a direção da classe operária em aliança com as massas camponesas deve tomar em suas próprias mãos os destinos da Pátria, a fim de acabar com a servidão ignominiosa a que nos submetem as classes dominantes. Não há outro caminho que seguiremos com o desenvolvimento de lutas de massas sempre mais numerosas e vigorosas, com a organização de todas essas lutas, da classe operária, dos camponeses e demais setores populares, numa ampla Frente Democrática de Libertação Nacional, dirigida pelos comunistas, a luta para travar vitoriosamente batalhas decisivas contra a reação e o imperialismo. É esse caminho, justamente, que os comunistas têm o dever de honra de apontar com toda audácia e em todas as circunstâncias à classe operária e às massas populares, ao mesmo tempo que devem redobrar de esforços para organizar mais e mais lutas de massas, mais e mais numerosas, no ritmo da campanha contra a bomba atômica, com o objetivo de organizar as fileiras da classe operária e das massas populares, a Frente Democrática de Libertação Nacional, para a luta pela paz, contra o imperialismo, a ditadura feudal-burguesa de Dutra e a reação, com este objetivo de organizar a campanha eleitoral para a eleição de um governo democrático, que represente as classes dominantes, a burguesia e os latifundiários. Os camponeses devem organizar mais e mais numerosas lutas de massas, através das quais possam lutar em defesa dos seus interesses nacionais e da liberdade nacional, para fazer que o nosso país seja formado por massas populares, que tomem em suas próprias mãos os destinos da pátria.

O essencial é lutar para obter quais quer sacrifícios, para que as forças populares possam a qualquer momento iniciar a iniciativa dos acontecimentos políticos em nosso país, e tomem em suas próprias mãos os destinos da pátria.

## A Juventude Brasileira não

(Conclusão da 1.ª página)

dações dos jornais afirmando os mesmos propósitos. As organizações femininas protestam contra a infâmia da ditadura que trama a venda do sangue de nossa juventude aos líderes da independência nacional dos povos.

Esta é a decisão unânime do povo brasileiro: nem uma gota de nosso sangue será derramada em favor de Truman, Dutra e Singani-Ri.

## PASSAR DAS AFIRMAÇÕES ÀS AÇÕES CONCRETAS

Mas, esta decisão expressa por nós por essas demonstrações de solidariedade ao povo coreano, precisa ser desenvolvida com maior intensidade, pois a verdade é que a ditadura, continua a apoiar por todos os meios os agressores e não vacilará em cumprir todas as ordens de Truman, inclusive a de mandar nossos jovens para morrer na Coreia. É preciso

impedir, realmente, que uma gota de nosso sangue e um grão de nossos produtos possam ser utilizados para a guerra imperialista.

E isto só se pode conseguir com as lutas de massas mais altas, vigorosas, que podem e devem ser preparadas com a mobilização sempre mais intensa, através de todas as formas de manifestações — dos jovens, das mulheres, dos operários e camponeses, de todos os países — contra o envio de nossos soldados e de nossos produtos para a guerra na Coreia.







## FINANCIAMENTO DO TRIGO NAS MAOS DOS MOINHOS

Confessa o sr. Manno Machado, diretor da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, que o financiamento do trigo, verdadeiramente patriótico nos dias de curso de propaganda do governo, se destinou quase exclusivamente aos moedores. Para toda a agricultura foram feitos 826 contratos de crédito, valendo 27 milhões de cruzeiros, enquanto para os moedores "que deverão adquirir trigo nacional" foi dado pela Carteira um total de 340 milhões de cruzeiros. E, como vemos, o financiamento do trigo Bunge e Borné, sob o pretexto de fomento do produto do trigo.

## NOVOS ACORDOS COM OS PAISES MARSHALIZADOS

Um após outro, todos os países, marshallizados entram em entendimentos com o Brasil para troca de produtos mediante créditos concedidos bilateralmente. Depois da Inglaterra, que conseguiu a vantagem da entrada franca de tecidos ingleses no Brasil, com prazo para a indústria dos tecidos marshallizados, vêm a Alemanha, a Itália e a Austrália. Todos eles, sob o patrocínio dos próprios Estados Unidos, que visam assim a transferir para o nosso país parte das dificuldades econômicas da Europa marshallizada.

## PLANEJAM A REFORMA DO IMPOSTO DO CONSUMO

A antiga distinção das mercadorias nacionais e estrangeiras, para efeito do pagamento do imposto de consumo está sendo objeto de uma reforma, pelos homens do governo Dutra destinados a equiparar os tributos pagos pelas mercadorias estrangeiras com os das brasileiras. Este é um dos resultados da política do imperialismo americano, corporificada na Carta de Havana, assinada pela ditadura Dutra. Um dos delegados brasileiros disse à imprensa: "Conseqüimos perder o menos possível".

## EMISSÕES ELEITORAIS DO REGIME DUTRA

Desde dos 400 milhões de cruzeiros emitidos, em maio, para financiar os latifundiários e exportadores do café, volta a funcionar a máquina oficial, ligada às manobras eleitorais da camarilha dominante. Em junho, subiu a mais de 795 milhões a emissão de dinheiro, desta vez para "atender a necessidades da Carteira de Resseguros", o que vale dizer, dos grupos parasitários que controlam a nossa economia e do Tesouro, enterrado em déficits tremendos.

por eles anacronismo, tentando fazer passar, quando o momento e dando-nos voz de prisão.

Os três primeiros que se aproximaram, "Tras" da ordem política e social mancharam-nos e embora amigavelmente. Respondemo-lhes que fossem "amolar o ouro". Avançaram para nós e enquanto nós defendíamos. Vieram outros por detrás e conseguiram tirar alguns exemplares da VOZ que estavam debaixo do braço de um dos companheiros e saíram-se ali mesmo. Então apelamos para o povo, bradando em altas vozes que aqueles que nos atacavam eram bandidos e parangais fascistas de Dutra, e que estavam impedindo que o povo se esclarecesse lendo o jornal para depois enviar os nossos jovens para servir ao corpo de canhão, para os grupos norte-americanos, que eles estavam com medo do jornal por que ele estampava uma entrevista de Prestes, de grande Cavaleiro da Esperança, alertando o povo e chamando à solidariedade dos patriotas de Coréia.

Os tiras vacilantes começaram a recuar e os nossos foram para todos os lados, como à procura de quem os apoiasse. Mas a massa apelava as nossas palavras com acenos de cabeça e não se amedrontava. Apelamos então para que o povo nos ajudasse a expulsar do nosso meio aqueles mundos esquentes de reação e de fascismo de Dutra. Ainda não havíamos terminado nossas palavras e a massa já se colocara em atitude agressiva em torço das pollelas que, a princípio, pediam licença para passar por entre o povo que não ardeava e pé do lugar e acabavam pedindo socorro e fugindo numa carreira desbalada ante os Dunhos, estrados e amedrontados e os diálogos de repulsa de todos os homens e mulheres que participaram da cena, de todos aqueles patriotas que confiavam em Prestes e nos verdadeiros patriotas.

Continuamos em seguida a nosso comando e percorremos a feira de ponta a ponta sob os olhares, os comentários e a viva simpatia de toda aquela imensa massa que ali se ajuntava. De volta, no local onde horas antes havia começado a luta, resolvemos fazer um comício, que foi ouvido e aplaudido por mais de duzentas pessoas. Cercados pelo carinho da massa, confiantes no seu apoio, falamos claramente sobre os problemas da classe operária e do povo, propagamos a nossa querida VOZ OPERÁRIA e incentivamos a luta pela paz, contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia, lendo trechos da entrevista de Prestes amado dos trabalhadores e do povo — Luiz Carlos Prestes.

## NOVA AGRESSÃO — NOVA DERROTA DOS TIRAS

No segunda-feira, dia 17, dois outros leitores foram fazer um comício dentro da Estação de Nilópolis. Chegaram os policiais e avançaram de socos, pontas-pés e borbochadas sobre os dois companheiros. Este episódio, a despeito de ser muito recente, merece ser mencionado.

Ja estavam empenhados na luta silenciosa e desarmada, os demais brasileiros, que começaram a surgir os primeiros protestos da massa que se aproximava e que, incitados dos protestos passou a luta ao lado dos dois patriotas, bombardeando-os para correr sob valas e portadas, depois de arrancar de suas mãos imundas os dois patriotas que resistiram à legal e arbitrária voz de prisão.

O nosso agente e demais se-

## Vida da VOZ OPERÁRIA

### Três Comandos de VOZ OPERÁRIA

#### MORRO DA CATAÇUMBA

SOMOS quatro e Avamos duzentos exemplares de "VOZ". Subimos morro com dificuldade. Encontramos uma menina, com uma lata d'agua equilibada na cabeça. Deixamos livre o caminho estreito para a menina passar. Devia ter uns 12 anos. Apreçoamos o jornal. Um menino surge correndo, trazendo na mão 50 centavos.

Papai mandou buscar o jornal.

Este lado do morro tem duas saídas. A experiência nos ensinou que podemos trabalhar dois a dois em cada caminho. A maioria dos moradores conhece a "VOZ".

— Que tempo não aparece este jornal, diz uma senhora. E' pena que hoje não tenho dinheiro.

— Não faz mal, fique com o jornal.

Os diálogos se repetem de porta em porta. Um homem pega o jornal e dá dois cruzeiros, dizendo que o preço é para ajudar, por conta dos que não podem pagar. Em geral o povo paga um e mesmo dois cruzeiros por exemplar, a título de ajuda. Neste morro conversamos com cerca de 250 pessoas.

#### MORRO DO CANTAGALO

Subimos vendendo o jornal. Foi neste morro que o povo se pedradas, botou a correr a polícia durante a "batalha das favelas".

— A quem vamos apoiar? pergunta um morador. Disse que Prestes está apoiando Getúlio, é verdade?

— Não, não está. E' explicado porque.

Oferecemos o jornal. Duas moças se interessam e uma delas reclama:

— Aqui é o Prestes?, aponta o retrato do tempo da Coluna. Uhn! nem parece... por que não publicam aquele retrato bonito com a mão para o alto?

De vez em quando temos

que a massa dá a todos os passos um belo exemplo de coragem e decisão na luta que levamos contra as classes dominantes e seus seus ajudantes. Transmitem uma experiência que deve generalizar-se em todo o Brasil. E lutando que as massas adquiram mais rapidamente a consciência de sua própria força e podem se preparar para a luta mais ampla. Devemos de enfrentar pela independência nacional pela liberdade, por um governo popular e democrático.

de esclarecer pacientemente a um e a outro moradores sobre a política demagógica de Getúlio, e explicar que não o estamos apoiando. Mostramos a um e artigo intitulado "Getúlio" — pai do imposto radical e da Lei de Segurança" a outra e Comendário Nacional sobre os três candidatos, "vamos de mesma peça, fariamos de mesmo saço".

#### O EXEMPLO DA CHINA

Asonteceu no dia 19 de agosto Brasil-Uruguai. Apareceu no morro só uma componente da equipe do comando. Que fazer? Voltar com os 50 jornais sob sua responsabilidade? Não. A nossa amiga subiu o morro. Mulheres, na porta do barracão, lavavam roupa. Oferecemos-lhes a "VOZ".

E todas elas, uma a uma, tinham atenção as explicações sobre a matéria publicada no jornal. Era o número especial dedicado à revolução na China. O povo do Brasil — explicava — também um dia expulsará daqui os exploradores americanos.

A dona de casa enxugava mãos no avental e compra o seu exemplar. A "VOZ" traz sempre uma orientação segura para a luta contra a guerra, ensinando as mães a defender seus filhos. Uma informos que o marido já havia recebido o Apelo de Estocolmo, e lá mandá-lo à redação, cheio de assinaturas.

As mulheres, na sua maioria, inicialmente, não queriam o jornal. Mas compravam sempre, depois das explicações pacientes, e davam a maneira afetuosa como eram tratadas pela nossa amiga.

Quando já descia o morro, uma senhora veio correndo, reclamar que não tinha sido procurada, que nossa amiga não tinha parado em sua casa. Trazia um cruzeiro. Pediu o jornal e disse que ia pagar e fazer parte da União Feminina.

# A Luta do Povo Coreano por um Estado Democrático, Independente, Unido

(Conclusão da 12.ª pag.)

diplomática. Isso foi uma nova manifestação da política exterior stalinista da União Soviética, política de igualdade, de direitos e de amizade entre os povos. A U. S. S. R. deu ainda um exemplo luminoso de respeito à soberania e à independência nacional dos pequenos povos.

IV

Mesmo depois da partida das tropas soviéticas da Coreia, as tropas americanas continuaram, por longo tempo, na Coreia do Sul. Após terem concluído com o governo-fantoches, reacionário e anti-popular, um "acordo coreano-americano de ajuda militar" e um "acordo econômico coreano-americano", os imperialistas dos Estados Unidos transformaram a parte meridional de nossa pátria num país colonial dependente.

A Coreia do Sul, onde reina a clique feroz de Singman Ri, tornou-se o país do terror e da reação, da ruína e da violência. O terror e a repressão desencadeados pelo bando traidor de Singman Ri, protegido pelos imperialistas americanos e seus agentes da "Comissão da ONU para a Coreia", não visam apenas aos elementos de esquerda, mas também aqueles de direita que manifestam o menor descontentamento pelo regime reacionário.

N. da R.: — Mas nesta parte do país, a luta popular dos guerrilheiros desenvolveu-se contra a política dos imperialistas americanos e seus agentes.

Considerando que a Coreia foi proclamada República Popular Democrática e que, em sua parte meridional, os partidos políticos e organizações sociais patrióticas não têm a possibilidade de levar uma vida legal e foram obrigadas à clandestinidade, foi necessário reunir todas as forças democráticas, patrióticas, na luta contra a reação. Por isso é que, em fins de junho de 1949, foi criada uma Frente Patriótica Democrática Unificada da Coreia (F.P.D.U.), reunindo 71 partidos políticos e organizações sociais de diferentes tendências.

N. da R.: — A F.P.D.U. propôs uma série de medidas para realizar a unificação pacífica da Coreia.

A proposição da F.P.D.U. de unificação pacífica da pátria era breve, clara e justa. Ela se expressava do seguinte modo: retirada imediata das tropas americanas da Coreia do Sul; retirada imediata da pretensa Comissão da ONU para a Coreia, que é o instrumento da intervenção

de liberdade de ação, por todos os partidos políticos e organizações sociais democráticas; organização de eleições gerais na Coreia do Sul e Coreia do Norte sem intervenção de Estados estrangeiros; realização da unificação pacífica da Coreia do Sul e da Coreia do Norte; liberdade para o povo coreano decidir por si mesmo sobre seu regime político, etc.

O povo coreano compreendeu a luta pela unificação pacífica da pátria, pela liquidação do governo fantoches, principal obstáculo à unificação de nossa pátria. Esta luta inquietou os imperialistas americanos. E' por isso que, de um lado, eles incitam o bando de Singman Ri a provocar conflitos armados no paralelo 38.º com o fim de encontrar um pretexto para uma intervenção nos negócios internos da Coreia. E, de outro lado, eles levaram novamente a questão coreana ao exame da IV sessão da Assembléia Geral da ONU e obtiveram, com a ajuda da dócil "máquina de votar", o envio à Coreia do Sul duma terceira "Comissão da ONU para a Coreia".

N. da R.: — Kim Ir Sen analisa os fins reais desta nova "Comissão da ONU", instrumento do imperialismo americano.

Ao que parece, os imperialistas americanos não compreendem bem, ainda, que o povo coreano de hoje não é mais o de ontem. Nosso povo não é um rebanho de carneiros que se deixe devorar sem protesto pelos lobos famintos.

Os colonizadores americanos devem compreender que o povo coreano não cederá a ninguém suas conquistas e suas liberdades, e que ele não retornará mais à escravidão colonial.

N. da R.: — O povo coreano não permitirá mais aos imperialistas americanos subjugar e pilhar a Coreia. E Kim Ir Sen conclui:

Estamos profundamente convencidos de que nossa luta legítima será coroada pela vitória definitiva. O povo coreano conseguirá restabelecer a integridade territorial, a unidade e a independência de sua pátria, e avançará com segurança no caminho da paz e da democracia.

Nessa luta toma parte todo o povo coreano, todos os partidos políticos e todas as organizações sociais patrióticas que se reuniram em torno do governo da República Popular Democrática da Coreia e da Frente Democrática Unificada da Coreia e do Partido do Trabalho.



# Já Coletadas, No Brasil, Cerca de Meio Milhão de Assinaturas

A CAMPANHA de assinaturas no Apelo de Estocolmo já atingiu no Brasil o meio milhão. Um esforço ainda mais resolutivo e vigoroso, entretanto deve ser feito para que antes de 30 de Setembro estejam cobertos nacionalmente os 4 milhões da quota atribuída ao nosso país. É, pois, urgente, superar com o máximo entusiasmo o atraso em que nos encontramos ainda na campanha, quando em diversos países já foram cobertas e superadas as quotas respectivas, como na França, na Itália, na Alemanha Oriental, nos países de Democracia Popular.

## A CAMPANHA DE ASSINATURAS CONTINUA A SER A TAREFA FUNDAMENTAL DA LUTA PELA PAZ

A campanha de assinaturas continua a ser a tarefa principal dos partidários da paz em todo o mundo. A passagem da política de preparação guerreira do imperialismo anglo-americano à própria agressão aberta contra a independência dos povos, como já acontece na Coreia, coloca ainda com maior urgência a necessidade de uma mobilização rápida de milhões e milhões de seres humanos para desarmar o braço dos agressores que tentam desencadear a guerra mundial.

A realidade é que somente a luta pela interdição das armas atômicas, cujo emprego provoca a repulsa unânime de todos os setores das populações dos diversos países, pode realçar esta mobilização com a rapidez e a amplitude que a gravidade da situação mundial está a exigir. A própria agressão imperialista contra o povo coreano está a demonstrar que somente com as armas certas de terror e destruição

- 1 — O AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO NACIONAL EXIGE UM RITMO MAIS RÁPIDO NA MOBILIZAÇÃO DE MASSAS CONTRA A BOMBA ATÔMICA.
- 2 — PLANOS SEMANAIS E CONTROLE DIÁRIO PARA DAR MAIOR EFICIÊNCIA A CAMPANHA DE ASSINATURAS.
- 3 — CONVENCER E ORGANIZAR COMISSÕES DE PARTIDÁRIOS DA PAZ NO PROCESSO DA COLETA DE ASSINATURAS.

das populações pacíficas como as armas atômicas, é que as feras imperialistas esperam desencadear a guerra mundial. Os povos recusam-se a morrer pela camarilha totalitária de Truman e se eles forem mobilizados para impedir a proibição absoluta das armas atômicas e condenar como criminosos de guerra os que primeiro as utilizarem contra qualquer país, é certo que os chacinadores imperialistas não encontrarão condições que os estimulem a prosseguir no caminho das aventuras guerreiras.

Por isso os partidários

da Paz devem se convencer profundamente que, sobretudo agora, a campanha de assinaturas é o elo fundamental da luta contra os fatores de guerra

### PLANOS SEMANAIS E CONTROLE DIÁRIO

Dai ser uma tarefa de honra de todos os partidários da paz no Brasil, cobrir imediatamente a quota de

4 milhões, trabalhar diário e infatigavelmente na coleta de novas e novas assinaturas.

Para tanto, porém, é preciso, sem subestimar a importância de todas as iniciativas individuais, organizar mais e melhor o trabalho de coletar, organizar em cada cidade e município os grupos de coletores, distribuindo para cada um deles a quota que devem cobrir

e as zonas em que devem atuar

Neste sentido, dentro dos planos gerais, é preciso que se organizem planos semanais de coleta de assinaturas. Esses planos devem indicar a zona, os bairros, as fabricas, as repartições públicas que cada grupo de coletores precisa visitar e o número mínimo de assinaturas que devem coletar durante a semana. Para que o trabalho se desenvolva sem interrupção, a execução do plano semanal precisa ser controlada diariamente, a fim de que nenhum grupo de coletores chegue ao fim da se-

mana sem ter realizado integralmente suas tarefas.

### CONVENCER E ORGANIZAR

O essencial é coletar as assinaturas para o Apelo de Estocolmo de todas as pessoas que repudiam o emprego da bomba atômica, tornando esta campanha o mais ampla possível. Contudo, os partidários da paz não podem esquecer a necessidade de organizar comissões de defesa da paz nas fabricas, nos bairros, nas fazendas, nas repartições públicas, em toda parte, onde a campanha encontra partidários. Em dezenas de fabricas, por exemplo, a totalidade ou pelo menos a maioria dos operários já assinaram o Apelo de Estocolmo. Como não se levantar aí fortes comissões de defesa da paz com esses trabalhadores que tão entusiasmamente acolhem a luta pela interdição da bomba atômica? Do mesmo modo é preciso se proceder nos bairros e nas fazendas onde centenas e centenas de pessoas dão sua entusiástica adesão ao movimento lançado pelo Comitê do Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Os grupos de coletores precisam convencer pacientemente todas essas pessoas que entusiasmicamente e corajosamente assinam o Apelo de Estocolmo e se pronunciam em favor da paz, no sentido de organizarem no bairro, na fabrica, na repartição ou na fazenda, uma comissão de partidários da paz ou de luta contra a bomba atômica.

Este é um meio de se dar consequência à campanha de assinaturas e, ao mesmo tempo, de ampliar consideravelmente, fazendo com que dela participem ativamente um número sempre maior de partidários da paz.

## VOZ OPERÁRIA

# DOIS MUNDOS

### URSS

### EE. UU.

1 — Depois da libertação da Coreia pelo Exército Soviético, em 1945, quando os opressores japoneses foram expulsos do país, o Comandante das forças libertadoras soviéticas dirigiu uma mensagem ao povo coreano na qual dizia: "O Exército Soviético criou todas as condições para que o povo coreano pudesse empreender um trabalho criador. Vós mesmos deveis vos transformar nos construtores de vossa felicidade".

2 — Em 1948, as tropas soviéticas que haviam expulsado os imperialistas japoneses da Coreia, entregaram o poder aos representantes do povo coreano e se retiraram do país, depois do governo da URSS ter proposto que todas as tropas de ocupação deixassem a Coreia para os coreanos.

3 — A União Soviética se bateu sempre na Organização das Nações Unidas pela unificação da Coreia sob um só governo democrático e popular, o fim de deixar ao povo coreano a construção de seu próprio país.

1 — Na parte sul do país, depois de 1945 sob controle dos Estados Unidos, o general nazi-ianquo Mac Arthur publicou a seguinte ordem: "No território da Coreia compreendido abaixo do Paralelo 38, todo o poder administrativo depende de mim. A população deve obedecer sem reservas às ordens publicadas com a minha assinatura. Durante o período de ocupação militar a lingua inglesa será considerada lingua oficial".

2 — Os Estados Unidos rejeitaram a proposta do governo da URSS e mantiveram suas tropas de ocupação na Coreia do Sul. Quando se retiraram, um ano depois, deixaram mais de 500 oficiais lanques dirigindo o exército mercenário e anti-popular do governo títere de Singman-Ri, traidor do povo.

3 — Os Estados Unidos impediram por todos os meios a unificação da Coreia, pretendendo transformá-la numa base de guerra e agressão imperialista contra a URSS e a China, num trampolim para dominar a Ásia.

## A Luta do Povo Coreano por um Estado Democrático, Independente, Unido

KIM IR-SEN

(Presidente do Partido do Trabalho na Coreia, Comte. em chefe do Exército Popular coreano) (Conclusão do numero anterior)

Os partidos políticos e as organizações sociais patrióticas, todo o povo coreano, travaram uma luta corajosa contra as eleições em separado da Coreia do Sul, contra a criação de um governo fantoche.

N. da R. — Kim Ir Sen analisa as condições em que se processou a farsa das eleições e pseudos "Assembleia Nacional" no sul da Coreia.

As eleições em separado na Coreia do Sul e a criação de um gov. no fantoche consagraram a divisão artificial da Coreia em duas partes. Éis porque os dirigentes de mais de 70 partidos políticos e organizações sociais patrióticas reuniram-se novamente em junho de 1948 em uma cidade

comum, declararam ilegais as eleições em separado, e decidiram proceder a eleições gerais no sul e no norte da Coreia, proclamar a Republica Coreana Democrática Unificada e criar um governo democrático central.

A eleição, por todo o povo, da Assembleia Popular Suprema da Coreia teve lugar a 25 de agosto de 1948 no Sul e no Norte do país. A despeito do terror feroz da reação, dos elementos pró-japoneses e dos traidores da nação que se apolam na ajuda armada dos imperialistas americanos, 77,52% dos eleitores participaram das eleições na Coreia do Sul. Na parte setentrional da Coreia, onde as condições eram mais difíceis de liberdade

99,98% dos eleitores delas participaram. Deste modo, a Assembleia Popular Suprema é o órgão legislativo supremo criado após as eleições que se realizaram em todo o território do país. A primeira reunião da Assembleia Popular Suprema proclamou a Republica Popular Democrática da Coreia, votou a Constituição e criou o governo da Republica Popular Democrática da Coreia.

O governo, investido pela primeira sessão da Assembleia Popular Suprema da Coreia é um governo de coalizão. Em seu seio encontram-se representados os principais partidos políticos e as principais organizações sociais da Coreia do Norte e da Coreia do Sul.

O governo da Republica Popular Democrática da Coreia, saldo das eleições gerais, é o unico governo legal, contando com o apoio de todo o povo coreano.

Por solicitação da Assembleia Popular Suprema, reunida em sua primeira sessão, o governo soviético retirou suas tropas do território de nosso país, reconheceu a Republica Popular Democrática da Coreia e com ela estabeleceu relações

A SITUAÇÃO é completamente diferente na parte meridional de nossa pátria. Depois de terem renunciado ao acordo Exterior da URSS, E.E. U.U. e Inglaterra, em Moscou, os imperialistas ianques entravaram deliberadamente os trabalhos da comissão mista soviético-americana. Esforçaram-se eles por transformar e transformaram a parte meridional de nossa pátria em uma base militar para a realização de seus projetos de agressão no Oriente, em fonte de matérias primas e trampolim para os monopolistas de Wall Street. Esta a razão pela qual recusaram aceitar a justa proposta do governo soviético para a retirada simultânea da Coreia das tropas soviéticas e americanas em princípios de 1948, e a concessão, ao povo coreano, dos meios de decidir do seu destino por si mesmo.

Os imperialistas norte-americanos levaram ilegalmente a questão coreana à Assembleia Geral da ONU e, aproveitando-se de uma "maioria" docil, criaram uma pretensa comissão da ONU para a Coreia, cujo o concurso da qual foram preparadas as eleições em separado na Coreia do Sul, em agosto de 1948.



# Sôbre o Marxismo em Linguística

**UM GRUPO** de jovens camaradas dirigiu-me a mim para me propor que opinasse pela imprensa sobre os problemas da linguística, principalmente no que diz respeito ao marxismo na linguística. Não sou linguista e não posso, evidentemente, satisfazer de todo aos camaradas. Quanto ao marxismo em linguística, de mesmo modo que nas outras ciências sociais, trata-se de um assunto novo e qual em relação direta. Aí está porque gostei responder a uma série de perguntas colocadas por meus camaradas.

**PREGUNTA: — É exato que a língua seja uma super-estrutura sobre uma infra-estrutura?**

**RESPOSTA: — Não, não é exato.**

**INFRA-ESTRUTURA** é o regime econômico de uma sociedade numa época determinada de seu desenvolvimento. A super-estrutura é as instituições políticas, jurídicas, religiosas, artísticas, científicas da sociedade e as instituições políticas, jurídicas e outras que lhe correspondem.

Toda infra-estrutura tem sua super-estrutura correspondente. A infra-estrutura de regime feudal tem sua super-estrutura, suas instituições políticas, jurídicas e outras, e as instituições e elas correspondentes; e infra-estrutura capitalista tem sua super-estrutura e a infra-estrutura socialista e nova. Se a infra-estrutura se transforma e desaparece, ela acarreta a transformação e o desaparecimento de sua super-estrutura; e nasce uma infra-estrutura nova, o acarreta e o nascimento de sua super-estrutura que lhe corresponde.

Sob esse aspecto, a língua se diferencia radicalmente da super-estrutura. Tomemos por exemplo a sociedade russa e a língua russa. Durante os últimos trinta anos, na Rússia, a velha infra-estrutura capitalista foi liquidada e foi construída uma nova socialista. Em consequência, a super-estrutura da infra-estrutura capitalista foi liquidada e criou-se uma nova super-estrutura correspondente à infra-estrutura socialista. As instituições políticas, jurídicas e outras foram, por consequência, substituídas por instituições novas socialistas. Mas, apesar disso, a língua russa continuou, no essencial, o que ela era antes da Revolução de Outubro.

O que foi que mudou na língua russa durante esse período? O vocabulário da língua russa mudou em certa medida; mudou no sentido e que se enriqueceu com uma quantidade importante de novas palavras e expressões nascidas com a nova produção socialista, com o novo estilo, a nova cultura socialista, a nova sociedade, a nova moral, e uniu com o desenvolvimento da técnica e da ciência, e sentiu de uma série de palavras e expressões modificadas, adquirindo um novo significado, certo número de palavras antiquadas desapareceram do vocabulário. No que diz respeito ao léxico fundamental e ao sistema gramatical, que são a base da língua, não somente não foram liquidados e substituídos, depois da liquidação da infra-estrutura capitalista por um novo léxico fundamental e por um novo sistema gramatical da língua, mas foram conservados na sua integridade e não sofreram nenhuma modificação séria; mantiveram-se exatamente como base da língua russa moderna.

Proclamamos: A super-estrutura é gerada pela infra-estrutura, mas isso não significa absolutamente que ela seja apenas o reflexo da infra-estrutura, que seja passiva, neutra, que permaneça indiferente ao destino de sua infra-estrutura, ao destino das classes, ao caráter do regime. Ao contrário, depois de ter vivido a luz, ela se torna uma imensa força ativa, ajuda ativamente sua infra-estrutura a se formar e consolidar, recorre a todos os meios para auxiliar o novo regime a dar o golpe de graça na velha infra-estrutura e nas velhas classes, e a liquidá-las.

E não pode ser de outro modo. A super-estrutura é criada pela infra-estrutura exatamente para servir, para ajudá-la ativamente a se formar e consolidar, para lutar ativamente a fim de liquidar a velha infra-estrutura, caduca e sua velha super-estrutura. Basta que a super-estrutura renuncie a esse papel de auxiliar, basta-lhe passar de uma posição de defesa, ativa de sua infra-estrutura para uma posição de indiferença relativamente a esta, basta adotar uma atitude indiferente em face de todas as classes, para que perca sua qualidade e deixe de ser uma super-estrutura.

Sob esse aspecto, a língua difere radicalmente da super-estrutura. A língua não é gerada por tal ou qual infra-estrutura, velha ou nova,

no interior de uma determinada sociedade, mas por todo o transcurso da história da sociedade e da história das infra-estruturas ao longo dos séculos. Ela não é criada por uma só classe, mas por toda a sociedade, por todas as classes da sociedade, pelo esforço de centenas de gerações. Ela não é criada para satisfazer as necessidades de uma só classe, mas de toda a sociedade, de todas as classes da sociedade. Ela é criada juntamente com a língua antes para toda a sociedade e com todas as classes da sociedade, como língua de todo o povo. Por isso, o papel auxiliar desempenhado pela língua, como meio

de comunicação com todo o povo, basta que a língua se ponha a preferir a apoiar um grupo social qualquer em detrimento dos outros grupos sociais, para que ela perca sua qualidade, para que deixe de ser o meio de os homens se comunicarem, entre si, para que se transforme numa língua de um grupo social qualquer, se degrade e se quebre e desapareça.

Desse ponto de vista, distinguindo-se fundamentalmente da super-estrutura, a língua não se distingue, porém, dos meios de produção, das máquinas, por exemplo, que são tão indiferentes às classes como a língua e que podem servir in-

## J. STALIN

de os homens se comunicarem entre si, não podem servir a uma classe em detrimento das outras classes, mas em servir indistintamente a toda a sociedade, a toda a classe da sociedade. E' isso exatamente que explica que a língua possa servir indistintamente tanto ao velho regime agonal, como ao novo regime ascendente, tanto a velha infra-estrutura como a nova, tanto aos exploradores como aos explorados.

Não é um degrado para ninguém que a língua

diferencie tanto no regime capitalista quanto no regime socialista.

Proclamamos: A super-estrutura é o produto de uma época durante a qual se age uma infra-estrutura econômica determinada. E' por que a super-estrutura não vive muito tempo; é líquida e desaparece ao mesmo tempo que a infra-estrutura determinada.

A língua, ao contrário, é o produto de toda uma série de épocas durante as quais se forma,

ela não sofreu nenhuma transformação fundamental e a língua russa moderna difere pouco da de Puchkin por sua estrutura.

O que mudou na língua russa desde aquela época? O vocabulário da língua russa se enriqueceu notavelmente nesse lapso de tempo; grande quantidade de palavras antiquadas desapareceram do vocabulário; mudou o sentido de um número considerável de palavras; o sistema gramatical foi melhorado. No concernente à estrutura da língua de Puchkin, ela se conservou em toda a sua essência, com seu sistema gramatical e seu léxico fundamental, com base da língua russa moderna.

E' isso é perfeitamente compreensível. De fato, de que serviria que depois de cada convulsão, a estrutura existente da língua, seu sistema gramatical e seu léxico fundamental fossem destruídos e substituídos por outros novos, como acontece habitualmente com a super-estrutura? De que serviria que "água", "terra", "montanha", "floresta", "peixe", "homem", "andar", "fazer", "produzir", "comerciar", etc., não chamassem mais água, terra, montanha, etc., mas outra coisa? A quem aproveitaria que as variações das palavras na língua e a disposição das palavras na frase não se fizessem segundo a gramática existente, mas segundo uma outra, inteiramente diferente? Que propósito tiraria a revolução de semelhante transformação radical na língua? Via de regra, a língua não faz nada de essencial sem que haja para isto uma necessidade particular. Cabe perguntar para que seria necessária uma tal transformação radical na língua, uma vez que está provado que a língua existente, com sua estrutura, satisfaz perfeitamente, no essencial, as necessidades do novo regime? Pode-se e deve-se destruir a velha super-estrutura e substituí-la por uma nova em alguns anos, para deixar o campo livre ao desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, mas por que destruir a língua existente e criar em seu lugar uma língua nova em alguns anos, sem provocar anarquia na vida social, sem ameaçar a sociedade de desagregação? Quem pode dizer que a esfera de ação da super-estrutura é estreita e limitada.

Então, há ainda uma diferença radical entre a super-estrutura e a língua. A super-estrutura não está ligada diretamente à produção, à atividade produtiva do homem. Ela só está ligada à produção indiretamente, por meio da economia, por meio da infra-estrutura. Eis por que a super-estrutura não reflete as mudanças no nível de desenvolvimento das forças produtivas imediatamente e diretamente, mas depois das mudanças na infra-estrutura, por refração das mudanças da produção nas mudanças da infra-estrutura. Isso quer dizer que a esfera de ação da super-estrutura é estreita e limitada.

A língua, ao contrário, está ligada diretamente à atividade produtiva do homem e não somente à sua atividade produtiva, mas também à qualquer outra atividade do homem em todas as esferas de seu trabalho, desde a produção até a infra-estrutura, desde a infra-estrutura até a super-estrutura. Eis por que a língua reflete as mudanças da produção imediatamente e diretamente, sem esperar as mudanças na infra-estrutura. Eis por que a esfera de ação da língua, que engloba todos os domínios da atividade do homem, é muito mais vasta e mais variada que a esfera de ação da super-estrutura. Mais ainda, ela é quase ilimitada.

E' isso que explica, sobretudo, que a língua, seu vocabulário propriamente dito, se encontre em estado de modificação quase ininterrupta. O desenvolvimento ininterrupto da indústria e da agricultura, do comércio e dos transportes, da técnica e da ciência, exige da língua que ela enriqueça seu vocabulário com novas palavras e expressões indispensáveis a seu trabalho. E a língua, que reflete diretamente essas necessidades, enriquece seu vocabulário com novas palavras, aperfeiçoa seu sistema gramatical.

Portanto:

- a) um marxista não pode considerar a língua como uma super-estrutura sobre uma infra-estrutura;
- b) confundir a língua com uma super-estrutura é cometer um erro certo.

**PREGUNTA: — É exato que a língua sempre teve e conserve um caráter de classe, que não exista uma língua comum e única para a sociedade, uma língua que não tenha um caráter de classe mas que seja a de todo o povo?**

**RESPOSTA: — Não, não é exato. NÃO É DIFÍCIL** compreender, que numa sociedade sem classes, não pode haver uma língua



que russa sofreu tanto o capitalismo russo e a cultura burguesa russa antes da Revolução de Outubro, como serve hoje ao regime socialista e à cultura socialista da sociedade russa.

Deve-se dizer a mesma coisa do ucraniano, do bielorrusso, do uzbeko do kazakh, do georgiano, do armeniano, do estoniano, do letão, do lituano, do moldavo, do tártaro, do azerbaijano do bachkiri, do turcomano e das outras línguas das nações soviéticas que tanto serviram ao velho regime burguês dessas nações como servem ao novo regime socialista.

E não pode ser de outro modo. E' para isso que a língua existe, foi para isso que ela foi criada: para servir à sociedade em seu conjunto de instrumento que permita aos homens comunicarem-se entre si; para ser comum aos membros da sociedade e única para a sociedade, para servir igualmente aos membros da sociedade, indistintamente de sua situação de classe. Basta que a língua abandone essa posição de instrumento

de comunicação, se desenvolve e ganha brilho. Eis por que a língua vive incomparavelmente mais tempo do que qualquer infra-estrutura ou qualquer super-estrutura. E' justamente o que explica que o nascimento e a liquidação, não somente de uma infra-estrutura e de sua super-estrutura, mas de muitas, infra-estruturas e de suas super-estruturas correspondentes não condizem, na história, à liquidação de uma língua determinada, à liquidação de sua estrutura e ao nascimento de uma língua nova, com um vocabulário novo e um sistema gramatical novo.

Mais de cem anos se transcorreram depois da morte de Puchkin. Desde então, a Rússia, o regime feudal e o regime capitalista foram liquidados e nasceu um terceiro, o regime socialista. Portanto, duas infra-estruturas e suas super-estruturas foram liquidadas e uma nova infra-estrutura socialista nasceu com sua nova super-estrutura. Contudo, se considerarmos a língua russa, por exemplo, durante esse longo período



da de classe. O regime do comunismo primitivo não conhecia classes, por conseguinte, não podia haver língua de classe, não a língua era comum, única, para toda a coletividade. A objeção segundo a qual deve-se entender por classe toda a coletividade humana, inclusive a coletividade da comuna primitiva, não é uma objeção, mas um jogo de palavras que não merece ser refutado.

Quanto ao desenvolvimento posterior das línguas, — das línguas das tribos às línguas das tribos, das línguas das tribos às línguas dos povos e das línguas dos povos às línguas nacionais, — em toda parte, em todas as fases de seu desenvolvimento, a língua, como meio de os homens se comunicarem entre si na sociedade, era comum e única para a sociedade, servindo do mesmo modo aos membros da sociedade, independentemente de suas condições sociais.

Não me refiro aqui aos impérios do período da escravidão e da Idade Média, como, por exemplo, o império de Ciro e de Alexandre, o Grande, ou ainda o império de César e de Carlos Magno que não tinham base econômica própria e eram formações militares-administrativas, efêmeras e instáveis. Estes impérios não sómente não tinham, como não podiam ter uma língua única para o império e inteligível para todos os membros do império. Representavam conglomerados de tribos e de povos que tinham sua própria vida e sua própria língua. Por isso, não me refiro a estes impérios ou a outros que lhes são semelhantes, mas às tribos e os povos que faziam parte do império e que tinham sua base econômica e sua língua formada há muito tempo. A história mostra que as línguas destas tribos e destes povos não tinham um caráter de classe, que eram línguas de todo o povo, comuns às tribos e aos povos e inteligíveis para eles.

Certamente havia, ao lado dos dialetos, morismos locais, mas eram dominados e subordinados pela língua única e comum, da tribo ou do povo.

Mais tarde, com o aparecimento do capitalismo, a liquidação do desmembramento feudal e a formação de um mercado nacional, os povos se transformaram em nações e as línguas dos povos em línguas nacionais. A história mostra que essas línguas nacionais não são línguas de classe, mas línguas comuns ao conjunto do povo, comuns a todos os membros da nação e únicas para a nação.

Foi dito acima que a língua, como meio de os homens se comunicarem entre si na sociedade, serve paralelamente a todas as classes da sociedade e manifesta sob esse aspecto uma espécie de indiferença relativamente às classes. Mas as pessoas, os diferentes grupos sociais, as classes estão longe de ser indiferentes relativamente à língua. Elas se esforçam para utilizar a língua no seu interesse, para impor-lhe seu vocabulário particular, sua terminologia particular, suas expressões particulares. As camadas superiores das classes possuídas, que se isolaram do povo e que odeiam o povo; a aristocracia, dos nobres, as camadas superiores da burguesia, se distinguem especialmente sob esse aspecto. Vemos criar-se gírias, dialetos, de "classe", "línguas de salão". Na literatura, esses dialetos e gírias são às vezes erroneamente considerados como línguas: "a língua nobre", "a língua burguesa", em oposição à "língua proletária", à "língua camponesa". Por estranho que isso possa parecer, é por essa razão que certos de nossos camaradas chegaram à conclusão de que a língua nacional é uma ficção, que somente as línguas de classe existem na realidade.

Creio não haver nada mais errôneo do que essa conclusão. Podemos considerar esses dialetos e gírias como línguas? Por certo que não. Não podemos fazer isso, em primeiro lugar porque esses dialetos e essas gírias não possuem seu sistema gramatical nem seu léxico fundamental, tomam-nos emprestado à língua nacional. Em segundo lugar, porque essas línguas e essas gírias têm uma esfera de aplicação estreita entre os membros das camadas superiores desta ou daquela classe e não são absolutamente válidas como meio de os homens se comunicarem entre si, para a sociedade em seu conjunto. Que têm eles, então? Têm um certo número de palavras específicas que refletem os gostos específicos da aristocracia ou das camadas superiores da burguesia; certo número de expressões e de ditos que se distinguem por seu caráter rebustado, precioso e isto das expressões e ditos "grosseiros" da língua nacional; finalmente, certo número de palavras estrangeiras. Quanto ao essencial, isto é, a maioria esmagadora das palavras e o sistema gramatical, é tomado emprestado à língua de todo o povo, à língua nacional. Por conseguinte, os dialetos e gírias representam ramificações da língua nacional de todo o povo, são privados de qualquer independência lingüística e destinados a vegetar. Pensar que os dialetos e gírias possam-se transformar em línguas independentes capazes de afastar e de substituir a língua nacional, é perder a perspectiva histórica e abandonar as posições do marxismo.

Alude-se a Marx, cita-se uma passagem de seu artigo "São-Marx" em que ele diz que os burgueses têm sua "língua própria", que essa "língua" é produto da burguesia, que ela é marcada pelo espírito do mercantilismo, da venda e da compra. Por meio desta citação, certos camaradas querem demonstrar que Marx afirmava por assim dizer "o caráter de classe da língua", que

de negava a existência de uma língua nacional única. Se essas camaradas abordassem questões objetivamente, deveriam ter citado uma outra passagem desse mesmo artigo "São-Marx", em que Marx, tratando da questão dos caminhos da formação da língua nacional única, fala da "concentração dos dialetos numa língua nacional única, em função da concentração econômica e política".

Marx reconhecia portanto a necessidade de uma língua nacional ÚNICA como forma superior à qual os dialetos estão subordinados como forma inferior.

Que pode ser, nesse caso a língua dos burgueses que, segundo Marx, "é o produto da burguesia"? Marx a considerava como uma língua semelhante à língua nacional, possuindo uma estrutura lingüística própria? Podia ele considerá-la como uma língua assim? Não, certamente! Marx queria dizer simplesmente que os burgueses inferioraram a língua nacional única com seu vocabulário de mercadores, que, por conseguinte, os burgueses têm sua gíria de mercadores.

Dal se conclui que aqueles camaradas desvirtuaram a posição de Marx. E a desvirtuaram porque citaram Marx não como marxistas, mas como escolásticos, não indo ao fundo do problema.

Alude-se a Engels, cita-se palavras de Engels na sua obra "A situação da classe operária na Inglaterra": "... A classe operária tornou-se aos poucos um povo inteiramente diferente da burguesia inglesa": "os operários falam um outro dialeto, têm outras idéias e concepções, outros costumes e outros princípios de moral, outra religião e outra política diferente da burguesia". Na base dessa citação, certos camaradas deduzem que Engels negava a necessidade de uma língua nacional comum a todo o povo, que ele afirmava, por conseguinte, "o caráter de classe" da língua... A verdade é que Engels não fala aqui da língua, mas do dialeto, dando-se perfeitamente conta que o dialeto, como ramificação da língua nacional, não pode substituí-la. Mas essas camaradas, visivelmente, não encaram com bons olhos a existência de uma diferença entre língua e dialeto...

É claro que essa citação é empregada fora de propósito, pois Engels não fala aqui em "línguas de classe", mas sobretudo das idéias, das concepções, dos costumes, dos princípios de moral, da religião, da política de classe. É perfeitamente justo que as idéias, as concepções, os costumes, os princípios de moral, a religião, a política sejam diametralmente opostos nos burgueses e nos proletários. Mas o que tem a ver com isso a língua nacional ou "o caráter de classe" da língua? Será que a existência de contradições de classe na sociedade pode servir de argumento a favor "do caráter de classe" da língua ou contra a necessidade de uma língua nacional única? O marxismo diz que a comunidade de língua é um dos traços essenciais da nação, sabendo perfeitamente, por outro lado, que dentro das nações existem contradições de classe. Aceitam estes camaradas esta tese do marxismo?

Alude-se Lafargue para dizer que na sua brochura "A língua francesa antes e depois da revolução", Lafargue reconhece "o caráter de classe" da língua e que ele nega, por assim dizer, a necessidade de uma língua nacional comum a todo o povo. Não é exato. Lafargue fala efetivamente, da "língua nobre", ou "aristocrática", e das "gírias" das diferentes camadas da sociedade. Mas essas camaradas esquecem que Lafargue, que se desinteressa pelo problema da diferença entre a língua e a gíria e que chama aos dialetos ora "língua artificial", ora "gíria", afirma claramente em sua brochura que "a língua artificial, que distingue a aristocracia... era extraída da vulgar, falada pelos burgueses e pelos artesãos, a cidade e o campo".

Lafargue reconhece pois a existência e a necessidade de uma língua de todo o povo, compreendendo perfeitamente o caráter subordinado e a dependência da "língua aristocrática" e dos outros dialetos e gírias, em face da língua de todo o povo.

Dal se conclui que a referência a Lafargue não cumpre seu objetivo.

Allega-se como argumento que, num certo momento, na Inglaterra, os feudais ingleses falavam "durante séculos" a língua francesa, enquanto o povo inglês falava a língua inglesa, e pretende-se que esta circunstância seja um argumento a favor do "caráter de classe" da língua, e contra a necessidade de uma língua comum a todo o povo. Isso não é um argumento, mas uma simples anedota. Em primeiro lugar, não eram todos os feudais, mas um grupo estreito da aristocracia feudal inglesa na corte real e nos condados que falava então o francês. Em segundo lugar, eles não falavam uma língua "de classe", mas a língua francesa comum, a língua de todo o povo francês. Em terceiro lugar, sabe-se que essa predileção pela língua francesa desapareceu muito tarde, sem deixar sinal, dando lugar à língua comum a todo o povo inglês. Certo, essas camaradas que os feudais ingleses e o povo inglês se tinham entendido "durante séculos" com a ajuda de tradutor

es, que os feudais ingleses não se serviam da língua inglesa, que não existia nessa época uma língua inglesa comum a todo o povo, que a França era então na Inglaterra algo mais que uma língua de salão só tendo curso nos círculos estreitos das camadas superiores da aristocracia inglesa? Como se pode, na base de tais "argumentos" anedóticos, negar a existência e a necessidade de uma língua comum a todo o povo?

Durante algum tempo, os aristocratas russos, também, se entreliam falando francês na corte dos tsares e nos salões. Orgulhavam-se de balbuciar palavras francesas ao falar russo, de não saber falar russo sem o toque francês. Quer isto dizer que nessa época, na Rússia, não existia uma língua comum a todo o povo, que a língua comum a todo o povo era, então uma ficção, e a "língua de classe" uma realidade?

Nossos camaradas cometem aqui pelo menos dois erros.

O primeiro erro consiste em que confundem a língua com a super-estrutura. Pensam que se a super-estrutura tem um caráter de classe, a língua, também, não deve ser comum a todo o povo, mas deve ter um caráter de classe. Contudo, já disse acima que a língua e a super-estrutura são duas coisas diferentes, que um marxista não pode admitir que se confundam.

O segundo erro consiste no fato de que esses camaradas consideram a oposição entre os interesses da burguesia e os do proletariado, sua encarnada luta de classes, como a desagregação da sociedade, como a ruptura de todos os laços entre as classes hostis. Na sua opinião, já que a sociedade se desagregou e não existe mais sociedade única, mas somente classes, não é preciso uma língua única para a sociedade, não é preciso uma língua nacional. Que esta pois se a sociedade se desagregou e se não existe mais língua nacional comum a todo o povo? Restam as classes e as "línguas de classe". Naturalmente, cada "língua de classe" terá sua gramática "de classe": uma gramática "proletária", outra gramática "burguesa". É verdade que tais gramáticas não existem na realidade. Mas isso não importa a estes camaradas: eles creem que um dia haverá tais gramáticas.

Num dado momento, tivemos "marxistas" que afirmavam que as estradas de ferro que permaneceram em nosso país depois da Revolução de Outubro eram burguesas, e que não convinha a nós, marxistas, nos utilizarmos delas, que era preciso destruí-las e construir novas estradas de ferro, "proletárias". Isso lhes valeu o apelido de "trogloditas"...

É claro que essa visão primitiva, anarquista, da sociedade, das classes, da língua, nada tem de comum com o marxismo. Mas ela existe, sem nenhuma dúvida, e continua a viver na cabeça de certos camaradas nossos que se emburalharam nesse problema.

É evidentemente falso que, em consequência da luta de classes, encarnada, a sociedade se tenha desagregado em classes que não são mais ligadas economicamente uma à outra dentro da própria sociedade. Ao contrário, enquanto existir o capitalismo, os burgueses e os proletários estarão ligados entre si por todos os fios econômicos, como elementos da mesma sociedade capitalista. Os burgueses não podem viver e enriquecer sem ter assalariados à sua disposição; os proletários não podem continuar a existir sem empregar-se com os capitalistas. A ruptura de todos os laços econômicos entre eles significa cessar toda produção, e cessar toda produção leva à morte da sociedade, à morte as próprias classes. É claro que nenhuma classe querará marchar para sua destruição. Eis por que a luta de classes, por mais violenta que seja, não pode levar à desagregação da sociedade. Somente a ignorância em matéria de marxismo e a incompreensão total da natureza da língua poderiam sofrer a certos camaradas nossos a fábula da desagregação da sociedade, das "línguas de classe", das gramáticas "de classe".

Alude-se, além disso, a Lenin e recorda-se que Lenin reconhecia a existência de duas culturas sob o capitalismo, a cultura burguesa e a cultura proletária, que a palavra de ordem de cultura nacional sob o capitalismo era uma palavra de ordem nacionalista. Tudo isso é exato, e Lenin tinha nisso inteira razão. Mas o que tem a ver com isso o "caráter de classe" da língua? Referindo-se às palavras de Lenin concernentes às duas culturas sob o capitalismo, estes camaradas querem, visivelmente, persuadir o leitor de que a existência de duas culturas na sociedade, — a cultura burguesa e a cultura proletária — significa que deve haver também duas línguas, porque a língua está ligada à cultura, que, por conseguinte, Lenin nega a necessidade de uma língua nacional única, que ele é, por conseguinte, pelas línguas "de classe". O erro desses camaradas consiste aqui no fato de que identificam e confundem a língua com a cultura. Contudo, a língua e a cultura são duas coisas diferentes. A língua pode ser burguesa ou socialista. A língua, esta, como meio de comunicação, é sempre uma língua comum a todo o povo e tanto pode servir à cultura burguesa como à cultura socialista. Não é um fato que as línguas russa, ucraniana, uzbeca, servem hoje à cultura socialista dessas nações, do mesmo

modo que serviam à sua cultura burguesa antes da Revolução de Outubro? Estes camaradas se enganam portanto redondamente ao afirmar que a existência de duas culturas diferentes leva à formação de duas línguas diferentes e à negação da necessidade de uma língua única.

Falando de duas culturas, Lenin partia exatamente da tese de que a existência de duas culturas não pode conduzir à negação de uma língua única e à formação de duas línguas, de que a língua deve ser única. Quando os homens do Bend passaram a adotar Lenin de ter negado a necessidade de uma língua nacional e de considerar a cultura como "não-nacional", Lenin, como é sabido, protestou violentamente e declarou que lutava contra a cultura burguesa e não contra a língua nacional cuja necessidade era para ele indiscutível. É estranho que certos camaradas nossos tenham começado a seguir as pegadas dos homens do Bend.

Quanto à língua única, cuja necessidade se pretende que Lenin tenha negado, é preciso re-afirmar ao seguinte as palavras de Lenin:

"A língua é um meio essencial de comunicação entre os homens; a unidade da língua, e seu desenvolvimento sem obstáculos são uma das condições essenciais para as trocas comerciais verdadeiramente livres e amplas, correspondentes ao capitalismo contemporâneo. Para um agrupamento livre e amplo da população em todas as diversas classes".

Dal se conclui que esses estimados camaradas desvirtuaram as idéias de Lenin.

Alude-se finalmente a Stalin. Cita-se as palavras de Stalin dizendo que "a burguesia e seus partidos nacionalistas foram e continuam sendo, durante este período, a principal força dirigente dessas nações". Tudo isto é exato. A burguesia e seu partido nacionalista dirigem efetivamente a cultura burguesa, do mesmo modo que o proletariado e seu partido internacionalista dirigem a cultura proletária. Mas que tem a ver com isso o "caráter de classe" da língua? Ignoram estes camaradas que a língua nacional é uma forma da cultura nacional, que a língua nacional pode servir tanto à cultura burguesa como à cultura socialista? Ignoram esses camaradas a conhecida tese dos marxistas, segundo a qual as culturas atuais russa, ucraniana, bielorrussa e outras são socialistas por seu conteúdo e nacional pela forma, isto é, pela língua? Concordam eles com essa tese marxista?

O erro de nossos camaradas reside em que não vêem a diferença entre a cultura e a língua e não compreendem que o conteúdo da cultura se modifica em cada período novo do desenvolvimento da sociedade, enquanto a língua permanece, ao essencial, a mesma durante vários períodos e serve indiferentemente à nova cultura e à velha cultura.

Portanto:

a) a língua, como meio de comunicação, sempre foi e continua sendo única para a sociedade e comum a todos os membros da sociedade;

b) a existência dos dialetos e das gírias não prejudica, mas confirma a existência de uma língua comum a todo o povo, de uma língua de qual esses dialetos e gírias são ramificações e à qual estão subordinados;

c) a tese sobre o caráter de classe da língua é uma tese errônea, não marxista.

PERGUNTA: — Quais são os traços característicos da língua?

RESPOSTA:

A LINGUA faz parte dos fenômenos sociais que se manifestam ao longo da existência da sociedade. Ela nasce e se desenvolve com o nascimento e o desenvolvimento da sociedade. Ela morre ao mesmo tempo que morre a sociedade. Não há língua fora da sociedade. Eis por que não se pode compreender a língua e as leis de seu desenvolvimento senão estudando a língua em ligação indissolúvel com a história da sociedade, com a história do povo a que pertence a língua estudada e que é seu criador e portador.

A língua é um meio, um instrumento, com o auxílio do qual os homens se comunicam entre si, trocam seus pensamentos e chegam a se compreender mutuamente. Diretamente ligada ao pensamento, a língua registra e fixa em palavras e em arranjos de palavras, em frases e resultados do trabalho do pensamento. O êxito do trabalho de conhecimento do homem e torna assim possível a troca de pensamentos na sociedade humana.

A troca de pensamentos é uma necessidade permanente e vital, porque sem essa troca é impossível coordenar as ações comuns dos homens na luta contra as forças da natureza, na luta pela produção dos bens materiais indispensáveis, é impossível obter êxito na atividade produtiva da sociedade, e, por conseguinte, é impossível a própria existência da produção social. Portanto, sem uma língua inteligível para a sociedade e comum a todos os seus membros, a sociedade cessa a produção, se desagrega e deixa de existir.



... como sociedade. Neste aspecto, a língua, sendo um instrumento de comunicação, é ao mesmo tempo um instrumento de luta e de desenvolvimento da sociedade.

É sabido que todas as palavras de que se compõe a língua formam um conjunto, e que se chama o vocabulário. O conceito do vocabulário, é o léxico fundamental que tem por sua vez como núcleo todos os termos radicais. O léxico fundamental é muito menos vasto que o vocabulário, mas vive durante muito tempo, durante séculos, e serve de base à formação de palavras novas. O vocabulário reflete o estado da língua; quanto mais rico e variado é o vocabulário, mais rica e desenvolvida é a língua.

Entretanto, tomado isoladamente, o vocabulário não forma ainda a língua. É antes o material da construção da língua. Da mesma forma que os materiais de construção não formam o edifício, embora seja impossível construir sem eles, o vocabulário não constitui a própria língua, embora sem ele não seja concebível nenhuma língua. Mas o vocabulário se reveste da maior importância quando entra no domínio da gramática que fixa as regras da variação das palavras, as regras de sua disposição nas frases e dá assim à língua um caráter harmônico e racional. A gramática (morfologia, sintaxe) é um conjunto de regras sobre a variação das palavras e sobre a disposição das palavras na frase. Em consequência, é precisamente graças à gramática que a língua pode dar ao pensamento humano um envólucro material: da língua.

O traço característico da gramática, é que ela fornece as regras da variação das palavras, sendo em vista, não as palavras concretas, mas as palavras em geral privadas de todo caráter concreto; ela fornece as regras da formação das frases tendo em vista não determinadas frases concretas, por exemplo, um sujeito concreto, um predicado concreto, etc., mas, em geral, toda espécie de frases, independentemente da forma concreta de tal ou qual frase. Por conseguinte, fazendo abstração do particular, do concreto tanto nas palavras como nas frases a gramática toma daquilo que há de geral na base das variações das palavras e de sua disposição nas frases e tira daí as regras, as leis gramaticais. A gramática é o resultado de um longo trabalho de abstração do pensamento humano, o expoente de êxito imenso do pensamento.

Sob esse aspecto a gramática lembra a geometria que determina suas leis, fazendo abstração dos objetos concretos, considerando os objetos como corpos privados de todo caráter concreto e estabelecendo entre eles relações que não são relações concretas, mas determinadas objetos concretos, mas relações entre corpos em geral privados de qualquer caráter concreto.

Ao contrário da super-estrutura que não está ligada à produção diretamente, mas por meio da economia, a língua está diretamente ligada à atividade produtiva do homem, bem como a todo e qualquer atividade em todas as esferas de seu trabalho, sem exceção. Assim, o vocabulário, como elemento mais sensível às transformações, encontra-se em estado de transformação quase perpétua; deve-se notar que diferentemente da super-estrutura, a língua não precisa aguardar a liquidação da infra-estrutura, ela modifica seu vocabulário antes da liquidação da infra-estrutura e independentemente do estado desta última.

Todavia, o vocabulário da língua não se transforma, como a super-estrutura, por meio da supressão do antigo e da edificação do novo, mas enriquecendo o vocabulário existente com palavras novas que se formaram em ligação com as mudanças do regime social, com o desenvolvimento da produção, da cultura, da ciência, etc. Se bem que o vocabulário perca, via de regra, uma certa quantidade de palavras envelhecidas, ele se enriquece com uma quantidade muito mais elevada de palavras novas. No que diz respeito ao léxico fundamental, ele se mantém no essencial e é utilizado como base do vocabulário da língua.

Isto é compreensível. Não é absolutamente necessário destruir o léxico fundamental se ele pode ser utilizado com êxito durante vários períodos históricos, sem nem mesmo falar do fato de que a destruição do léxico fundamental, acumulada durante séculos, considerando-se a impossibilidade de criar num curto lapso de tempo um novo léxico fundamental conduziria a paralisar a língua, a provocar uma desorganização total das relações entre os homens.

O sistema gramatical da língua muda de modo ainda mais lento que o léxico fundamental. Elaborado ao longo das épocas e formando um todo unido com a língua, o sistema gramatical muda ainda mais lentamente que o léxico fundamental. Certamente, ele sofre mudanças com o tempo, aperfeiçoa-se, melhora e precisa suas regras, se enriquece com novas regras, mas as bases do sistema gramatical se conservam durante muito tempo, porque, como a história demonstra, elas podem servir com êxito à sociedade durante épocas.

Assim, a estrutura gramatical da língua e seu léxico fundamental constituem a base da língua, a essência de seu caráter específico.

A história revela a grande estabilidade e a resistência imensa da língua à transformação torpida. Em lugar de explicar suas transformações, certos historiadores não fazem mais do que se enganar. Mas não há nisso nenhum motivo de espanto. A estabilidade da língua se explica pela estabilidade de seu sistema gramatical, e do seu léxico fundamental. Durante centenas de anos, os antepassados nossos se esforçaram por inutilizar, destruir e aniquilar as línguas dos povos balcânicos. Durante esse período, o vocabulário das línguas balcânicas sofreu várias modificações, adotou uma quantidade não desprezível de palavras e expressões turcas, houve "convergência" e "divergência", mas as línguas balcânicas resistiram e sobreviveram. Por quê? Porque o sistema gramatical e o léxico fundamental dessas línguas conservaram-se no essencial.

Resultado de tudo isto que a língua, suas estruturas, não podem ser consideradas, como o produto de uma determinada época. A estrutura da língua, seu sistema gramatical e o léxico fundamental são o produto de muitas épocas.

Deve-se compreender que os elementos da língua moderna se formaram há muito tempo atrás, antes da época escravagista. Trata-se de uma língua pouco complicada, com um vocabulário muito pobre, mas com seu próprio sistema gramatical, primitivo é verdade, mas que não deixava de ser por isso um sistema gramatical.

O desenvolvimento posterior da produção e surgimento das classes, o aperfeiçoamento da escrita; o nascimento do Estado, que necessitava para administrar de uma correspondência mais ou menos bem cuidada; o desenvolvimento do comércio, que precisava mais ainda de uma correspondência bem cuidada; o aparecimento da imprensa, o desenvolvimento da literatura, tudo isso trouxe grandes mudanças ao desenvolvimento da língua. Enquanto isso, as tribos e os povos se desmembravam e se dispersavam, confundiam-se e se misturavam e, mais tarde, se deu o aparecimento das línguas nacionais e dos Estados nacionais, produziram-se revoluções revolucionárias, os velhos regimes sociais foram substituídos por novos. Tudo isso trouxe ainda maiores modificações à língua e ao seu desenvolvimento.

Mas seria um erro grosseiro pensar que o desenvolvimento da língua se deu do mesmo modo que o da super-estrutura; por meio da destruição do que existe e da edificação do novo. Na realidade, o desenvolvimento da língua se deu não por meio da destruição da língua existente e da formação de uma língua nova, mas pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos principais elementos da língua existente. Deve-se notar que a passagem de uma qualidade da língua a outra não se deu pela explosão, nem pela destruição brutal do velho e a criação do novo, mas por uma acumulação progressiva e prolongada de elementos, de nova qualidade, da estrutura nova da língua, através do desaparecimento gradual dos elementos da velha qualidade.

Diz-se que a teoria do desenvolvimento da língua por fases é uma teoria marxista, porque ela reconhece a necessidade de explosões bruscas como condição da passagem da língua, da velha qualidade à qualidade nova. Isso não é exato, certamente, porque seria difícil encontrar qualquer coisa de marxista nessa teoria. E se a teoria do desenvolvimento por fases reconhece, de fato, explosões bruscas na história do desenvolvimento da língua, pior para ela. O marxismo não reconhece nenhuma explosão brusca na história do desenvolvimento da língua, nenhum desaparecimento súbito da língua existente, nem qualquer formação súbita de uma língua nova. Lafargue não tinha razão ao falar "de uma brusca revolução da língua entre 1789 e 1794" na França. (Ver a brochura de Lafargue: "A língua francesa antes e depois da revolução"). Não houve nessa ocasião nenhuma revolução da língua na França, e menos ainda revolução brutal. Certamente, durante aquele período, o vocabulário da língua francesa enriqueceu-se com novas palavras e novas expressões, perdeu certa quantidade de termos envelhecidos, certas palavras mudaram de sentido, e acabou-se. Mas mudanças desse gênero não decidem absolutamente da sorte da língua. O principal numa língua é seu sistema gramatical e seu léxico fundamental. Mas o sistema gramatical e o léxico fundamental da língua francesa, ao contrário, conservaram-se sem modificações notáveis e não somente se conservaram, mas continuaram a existir em nossos dias na língua francesa contemporânea.

Não precisa nem mesmo dizer que para liquidar a língua existente e para formar uma nova língua nacional ("revolução brutal na língua"), um espaço de cinco, seis anos é ridiculamente curto, isso exige séculos.

O marxismo entende que a passagem de uma língua da velha qualidade a uma qualidade nova se produz não pela explosão, não pela destruição da língua existente e a constituição de uma língua nova, mas pela acumulação gradual dos elementos de uma nova qualidade, portanto, pelo desaparecimento gradual dos elementos da velha qualidade.

É preciso dizer, em intenção dos camaradas apreciadores de explosões, que a lei da passagem da velha qualidade à qualidade nova pela explosão, não somente não pode ser aplicada à história do desenvolvimento da língua, mas ainda que não é sempre aplicável aos outros fenômenos sociais, quer se trate dos infra-estruturas

ou das super-estruturas. Não é obrigatória para uma sociedade dividida em classes, hostis. Mas ela não é absolutamente obrigatória para uma sociedade sem classes hostis. Num período de oito a dez anos, realizamos a agricultura de nosso país, a passagem do regime burguês, do regime de exploração camponesa individual, ao regime socialista kolhoziano. Foi uma revolução que liquidou o velho regime econômico burguês no campo e que criou um regime novo, socialista. Todavia, essa revolução radical não se produziu pela explosão, isto é, pela destruição do poder existente e a criação de um poder novo, mas pela passagem gradual do velho regime burguês ao campo ao regime novo. Conseqüentemente, porque foi uma revolução vinda de cima, porque essa revolução radical foi realizada por iniciativa do poder existente com o apoio das massas camponesas do campesinato.

Diz-se que numerosos fatos de cruzamentos de línguas, que se produziram na história, permitem supor que durante esse cruzamento se vê formar uma nova língua por explosão, pela passagem brusca da velha qualidade à qualidade nova. Isto, é absolutamente falso.

Não se pode considerar o cruzamento de línguas como ato único de um golpe decisivo cujos resultados se fazem sentir durante alguns anos. O cruzamento de línguas é um longo processo que se realiza durante centenas de anos. Eis por que não se trata aqui de nenhuma explosão.

Próximo. Seria completamente falso pensar que o cruzamento de duas línguas, por exemplo, gera uma terceira língua nova que não lembra nenhuma das línguas cruzadas e difere qualitativamente de cada uma delas. Na realidade, quando do cruzamento, uma das línguas ordinariamente obtém a vitória, conserva seu sistema gramatical, conserva seu léxico fundamental e continua a se desenvolver segundo as leis internas de seu desenvolvimento, enquanto a outra língua perde gradualmente sua qualidade e desaparece pouco a pouco.

Por conseguinte, o cruzamento não dá uma terceira língua, uma língua nova, mas conserva uma das línguas, conserva seu sistema gramatical e seu léxico fundamental e permite que ela se desenvolva segundo as leis internas de seu desenvolvimento.

É verdade que isso enriquece de certo modo o vocabulário da língua que obtive a vitória às expensas da língua vencida, mas em lugar de enriquecê-la, isto só faz reforçá-la.

Tal foi, por exemplo, o caso da língua russa com a qual se cruzaram durante o desenvolvimento histórico, as línguas de diversos outros povos, e que sempre obtive a vitória.

Certamente, o vocabulário da língua russa enriqueceu-se durante esse tempo às custas do vocabulário das outras línguas, mas isto, longe de enfraquecê-la, ao contrário, enriqueceu e reforçou a língua russa.

No referente ao caráter nacional da língua russa, ele não sofreu o menor prejuízo, porque, tendo conservado seu sistema gramatical e seu léxico fundamental, a língua russa continuou a progredir e a aperfeiçoar-se de acordo com as leis internas de seu desenvolvimento.

Não há nenhuma dúvida que a teoria do cruzamento não pode fornecer nada de sério à linguística soviética. Se é verdade que a linguística tem por tarefa essencial estudar as leis internas do desenvolvimento da língua, é preciso reconhecer que a teoria do cruzamento, não somente não resolve esse problema, mas nem mesmo o coloca: simplesmente ela não o nota ou não o compreende.

**PERGUNTA: — A "Pravda" teve razão de abrir uma discussão livre sobre as questões de linguística?**

**RESPOSTA: — Teve razão**

Em que sentido as questões de linguística serão resolvidas? Isso tornar-se-á claro no fim da discussão. Mas podemos dizer, desde já, que a discussão foi de grande utilidade.

A discussão mostrou, antes de tudo, que nas instituições de linguística, tanto no centro como nas repúblicas, reinava um regime incompatível com a ciência e os homens de ciência. A menor crítica sobre o estado de coisas na linguística soviética e mesmo as tentativas mais tímidas de criticar a pretensa "nova doutrina" em linguística eram objeto de perseguições por parte dos meios dirigentes da linguística e eram imediatamente sufocadas por eles. Por uma atitude crítica relativamente à herança de N. J. Marr, pela menor desaprovção da doutrina de N. J. Marr, demitiram ou rebaixavam-se trabalhadores e pesquisadores de valor no domínio da linguística. Os linguistas chegavam a funções responsáveis não em virtude de seu trabalho, mas de sua aceitação sem reservas da doutrina de N. J. Marr.

É um fato reconhecido por todos que nenhuma ciência pode se desenvolver e prosperar sem luta de opiniões, sem liberdade de crítica. Mas essa luta, geralmente admitida, era ignorada e pisoteada de modo mais arrogante. Criava-se um grupo fechado de dirigentes infalíveis que, depois de se terem protegido de qualquer crítica possível

se agiam por sua própria conta, tinham toda sorte de abusos.

Um exemplo entre outros: ao contrário do que se fez, por N. J. Marr em 1924 e conhecido sob o nome de "Curso de Marr", como que o próprio autor reagira e pediu para voltar, fora dada a revista redigida por um dos discípulos de Marr, o camarada Mechtshinov, o curso de "discípulos" de N. J. Marr e inseridas na lista de manuais, recomendados com reserva aos estudantes. Isso quer dizer que se enganara aos estudantes, fornecendo-lhes um "Curso" desautorizado como manual de valor. Se eu não me enganasse convenci do honestidade de Mechtshinov e das outras personalidades da linguística, daria que uma tal atitude tivesse sido adotada.

Como pôde acontecer isso? Isso aconteceu porque o regime à moda de Arakcheev, instaurado na linguística, colou o espírito de irreversibilidade e encorajou tais abusos.

A discussão foi extremamente útil, sobretudo porque ela lançou luz sobre esse regime no território e o reduziu a pó.

Mas a utilidade da discussão não fica nisso. Não somente a discussão espantou o velho regime em linguística, mas fez surgir o confuso, mesmo incrível que reina há muitos anos mais importantes da linguística, os meios dirigentes desse ramo da ciência. Antes que a discussão começasse, eles calavam e silenciavam sobre o desenvolvimento que existia no momento. Mas quando a discussão começou e quando se tornou impossível calar, eles foram obrigados a exprimir-se nas colunas da imprensa. E então? Evidenciou-se que na doutrina de N. J. Marr há toda uma série de lacunas, de erros de problemas imprecisos, de teses insuficientemente elaboradas. Pergunta-se por que os "discípulos" de N. J. Marr só começaram a falar disso após a abertura da discussão? Por que não se pronunciaram com isso mais cedo? Por que não fizeram isto aberta e honestamente no momento em que como é próprio dos homens de ciência?

Depois de ter reconhecido "alguns" erros de N. J. Marr, os "discípulos" de N. J. Marr pensam, parece, que só se pode continuar a desenvolver a linguística na base da teoria "atualizada" de N. J. Marr, que eles consideram como uma teoria marxista. Eu vos peço por favor, deixemos de lado o "marxismo" de N. J. Marr. N. J. Marr quis realmente tornar-se marxista e procurou sê-lo, mas não conseguiu. Não foi mais do que um simplista e um vulgarizador do marxismo no gênero dos membros do "Proletcult" ou do "Rapp".

N. J. Marr introduziu na linguística a tese falsa, não marxista, de que não há super-estrutura e embriou-se em linguística. É impossível, na base de uma tese falsa, desenvolver a linguística.

N. J. Marr introduziu na linguística uma outra tese, igualmente falsa, a saber, sobre o caráter de classe da língua e embriou-se e embriou-se em linguística. É impossível, na base de uma tese falsa, em contradição com todo o trabalho da história dos povos e das línguas, desenvolver a linguística soviética.

N. J. Marr introduziu na linguística um tom sem modéstia, suficiente e arrogante, que não pertence ao marxismo e que leva a negar pura e simplesmente e sem reflexão tudo o que havia na linguística antes de N. J. Marr.

N. J. Marr denigre ridulosamente o método histórico-comparativo tratándolo de idealista. E, contudo, é preciso dizer-se que o método histórico-comparativo, apesar de seus graves defeitos, é assim mesmo melhor que a análise, realmente idealista, dos quatro elementos de N. J. Marr, porque o primeiro leva ao trabalho, ao estudo das línguas, ao passo que o segundo só leva a consultar, paço-ramente, a bola de cristal dos famosos quatro elementos.

N. J. Marr trata com arrogância toda tentativa de estudar os grupos (as famílias) de línguas e vê nisso a manifestação da teoria da "língua-mãe". E, contudo, não se pode negar que não há nenhuma dúvida sobre o parentesco linguístico de nações tais como os eslavos, por exemplo, e não há dúvida que o estudo do parentesco linguístico destas nações poderia ser de grande proveito para a linguística no estudo das leis do desenvolvimento da língua. Inutil dizer que a teoria da "língua-mãe" não tem nenhuma relação com isso.

A dar-se ouvidos a N. J. Marr e sobretudo a seus "discípulos", se poderia pensar que não existiu qualquer linguística antes de N. J. Marr, que a linguística surgiu com a "nova doutrina" de N. J. Marr. Marx e Engels eram muito mais modestos: julgavam que seu materialismo dialético era o produto do desenvolvimento das ciências, inclusive da filosofia, durante o período precedente.

Assim, a discussão revela também o método de revelar as falhas ideológicas existentes na linguística soviética. Penso que quanto mais depressa nossa linguística se libertar dos erros de N. J. Marr, tanto mais depressa lhe será possível sair da crise que atravessa atualmente.

Liquidar o regime à moda de Arakcheev na linguística, renunciar aos erros de N. J. Marr, introduzir o marxismo na linguística: tal é, a meu ver, o caminho pelo qual se pode sanear a linguística soviética.



# Os Que Fazem Pressão Sobre a Crítica São Apontados Pelos Ativistas

V. KUPRIN

**O** camarada Kravits, membro do Comitê Regional do P. C. (b) da Ucrânia, da cidade de Lvov, no sudoeste, em certa publicação no jornal de fevereiro, a 20 de agosto de 1948, disse que o chefe do depósito, camarada Kuznetsov, se recusou a dar uma crítica feita aos resultados do Partido.

Esta pequena informação é curiosa, porque...

U secretário do chefe de seção pública do setor ferroviário de Lvov, camarada Kuznetsov, sempre procurava fazer uma publicação crítica...

O camarada Kravits procurou que a crítica fosse feita em uma revista de trabalho e não em uma publicação crítica...

Foram convocadas uma reunião do Bureau e, depois, uma reunião especial da organização do Partido, para discutir a nota...

Uma de suas breves de representação, desde a frente o chefe da seção política do setor ferroviário, camarada Podin, o secretário do Comitê de Zona do P. C. (b) da Ucrânia, camarada Kuznetsov.

Todos os representantes compareceram ao Buro de Zona e discutiram a situação crítica e o comportamento do chefe de seção política do setor ferroviário...

Um representante do setor ferroviário, camarada Podin, o secretário do Comitê de Zona do P. C. (b) da Ucrânia, camarada Kuznetsov.

Escreveu-se para este setor...

Uma de suas breves de representação, desde a frente o chefe da seção política do setor ferroviário, camarada Podin, o secretário do Comitê de Zona do P. C. (b) da Ucrânia, camarada Kuznetsov.

Todos os representantes compareceram ao Buro de Zona e discutiram a situação crítica e o comportamento do chefe de seção política do setor ferroviário...

Um representante do setor ferroviário, camarada Podin, o secretário do Comitê de Zona do P. C. (b) da Ucrânia, camarada Kuznetsov.

Escreveu-se para este setor...

na Ucrânia e "Gedat", naturalmente a pressão sobre a crítica no depósito de locomotivas, o Comitê Regional do P. C. (b) da Ucrânia, por iniciativa do camarada, camarada Kravits, com o objetivo de paralisar a crítica...

O Bureau do Comitê Regional do Partido decidiu discutir e considerar a situação crítica e o comportamento do chefe de seção política do setor ferroviário...

U secretário do chefe de seção pública do setor ferroviário de Lvov, camarada Kuznetsov, sempre procurava fazer uma publicação crítica...

O camarada Kravits procurou que a crítica fosse feita em uma revista de trabalho e não em uma publicação crítica...



## COMÍCIOS NAS FABRICAS

Em todas as fábricas do imenso país dos Soviéticos, os operários estão realizando comícios de protesto contra a intervenção armada dos imperialistas dos Estados Unidos na Coreia.

## AS RESOLUÇÕES DO SOVIET SUPREMO

Nas cidades e aldeias, em todos os cantos do país, estão se realizando congressos e reuniões consagrados ao estudo das resoluções de 1.ª Sessão do Soviet Supremo. Na reunião das fábricas "Outubro", de Moscou, dedicada à reunião do Soviet Supremo que aprovou o apelo de Estocolmo pela proibição da arma atômica, todos os oradores se congratularam pela grande contribuição dada pela URSS à causa da Paz.

## UM NOVO ESTÁDIO

Este ano, os desportistas de Leningrado terão um novo estádio com capacidade para 100.000 pessoas. Na República Federativa da Rússia foram destinados 70 milhões de rublos para a construção de estádios, palácios de cultura física e parques esportivos.

## ORÇAMENTOS DE PAZ

A "Pravda" publicou um artigo consagrado aos orçamentos dos países da Democracia Popular, intitulado: "As poderosas avançadas da edificação do socialismo". O artigo salienta que a parte mais importante dos orçamentos das Democracias Populares são verbas destinadas ao fomento da economia nacional e à satisfação das necessidades sociais e culturais dos trabalhadores.

## NOVAS ESCOLAS

De ano para ano aumentam as verbas destinadas à instrução na URSS. No orçamento que acabou de ser aprovado pelo Soviet Supremo foi votada para a instrução a verba recorde de 59 bilhões e 500 milhões de rublos (379 bilhões e 500 milhões de cruzeiros). Na República Federativa Russa serão construídas este ano mais 900 novas escolas.

## TRATORISTAS NOVOS

Durante o outono e o inverno passado, as escolas de mecanização e os cursos adjuntos às estações de máquinas agrícolas e tratores e aos sovkozos, se formaram e aperfeiçoaram mais de 450.000 tratoristas e chefes de brigadas de tratoristas, assim como grande número de outros trabalhadores para a eletrificação e mecanização da agricultura.

## MAIS TRABALHADORES

O número de operários e empregados em toda a economia soviética continua aumentando. No primeiro trimestre de 1950 aumentou em 2.000.000 em relação ao mesmo período do ano passado.

## CRESCER A PRODUTIVIDADE

A produtividade do trabalho na indústria soviética cresceu 13% em relação ao primeiro trimestre de 1949; no primeiro trimestre deste ano. Na construção de máquinas esse aumento foi de 17 por cento.

## CINEMAS

A rede de cinemas, aparelhos de projeção e cinemas ambulantes aumentou nos 3 primeiros meses deste ano, em comparação ao primeiro trimestre do ano passado, em 7.300.

## ESPORTE DE MASSAS

O movimento esportivo de massas na URSS é o maior do mundo. No primeiro trimestre de 1950 o número de esportistas organizados aumentou 42 por cento em relação ao 1.º trimestre de 1949, superando em 2 vezes o número de esportistas de 1940.

★ ACUARDEN

### "Democracia Popular"

UM JORNAL COMPLETO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO. ARTIGOS ASSINADOS PELOS DIRIGENTES DA CLASSE OPERÁRIA DE TODOS OS PAÍSES.

(Preciosas as agências em todo o interior do país. Correspondência para S. E. de Carvalho, Rua do Carmo, 4, Sala 1.308, RIO, DF.)

## O SOCIALISMO EM CONSTRUÇÃO

# A Revolução Socialista de Outubro Liquidou a Desigualdade da Mulher

A GRANDE Revolução Socialista de Outubro, liquidou completamente a desigualdade da mulher, assegurando-lhe os mesmos direitos do homem. A abolição da propriedade privada da terra e das fábricas, a construção socialista da economia nacional do país, a criação da grande indústria socialista e a coletivização da agricultura, conquistaram a indispensável base econômica para que a mulher pudesse gozar de plena igualdade de direitos na sociedade soviética.

Lenin, Stalin e o Partido Comunista destacaram sempre a enorme importância da participação da mulher no trabalho social. Presentemente, as mulheres constituem cerca de metade dos trabalhadores da economia nacional da URSS. Cerca de 900.000 mulheres são empregadas, 600.000 em indústrias e 300.000 em escritórios e nas lojas.

de família numerosas. 2.500.000 mulheres, já foram distinguidas com a ordem de "Glória Materna" e a "Medalha da Maternidade". Concedeu-se a 28.500 mulheres o título de "Mãe Heroína". O Estado Soviético ajuda incessantemente aos casais de família numerosas. Nos últimos cinco anos, as mães solteiras receberam do Estado mais de 14.350.000.000 de rublos para seus filhos. O Partido Comunista e o Governo Soviético criaram todas as condições para que as mães possam participar da vida social e política, sem abandonar suas obrigações domésticas.